

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressã o
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Dr. José Pinto Rodrigues

Os vigorosos traços da sua personalidade facilitam o esboço. Tornou-se conhecido tal como era, e como quem era. Bem forte e definido: Ele próprio, sempre. O requisito parece vulgar, primário. Não é. O instinto de conservação e defesa do camaleão, confuso no meio, subiu do fundo dos mares e tornou-se pelo conformismo silencioso e automático quase como regra-base da conservação da maioria da espécie. Tinha, e manteve, marcada individualidade.

As contingências da vida não permitiram ainda ao homem realizar-se inteiramente. Vai até aonde vai ou o deixam ir. Raro, ou quase nunca, até onde poderia ir. E menos ainda, muito menos, ao mais além e mais alto dos seus ideais e íntimas aspirações. O sonho frustrado do plano da vida que se desejava viver. Apagam-se formosos talentos no rastejar da mediocridade, e muita pujança seivosa se anemia estéril.

Foi notavelmente Alguém. Honrou com o seu nome popular e querido a nossa terra. Prestígio como Advogado distinto o Foro Português. Na especialidade — o direito criminal —, a que mais particularmente se devotou, não o excedem em valor os mais afamados Mestres, nossos ou estrangeiros. Tinha os difíceis predicados da verdadeira eloquência, sobretudo forense — convincente pela metodologia do raciocínio, sugestiva pelo poder comunicativo da própria convicção, apropriada tendo em conta as particularidades do caso, espontânea no florir, graciosa, aliciente. E arrazoava por escrito, em articulados, alegações ou minutas, com a mesma facilidade e elegância, com a arte de bem focar o fundamental ao objectivo e desarticular a argumentação oposta ou esvaecê-la o possível. Isto requer estudo com profundidade, conseiosos vigílias e muita dedicação pelas causas. Mas são a consciência da dignidade profissional.

Nascido em Guimarães, amou Guimarães do coração. Desse amor fica testemunho perdurável na colecção do semanário que dirigiu, o *Pro-Vimaranense*, e da sua excelente colaboração nestas colunas do *Notícias de Guimarães*, de que foi amigo atento e zeloso. Atesta-o a sua corajosa e afirmativa presença em todos os movimentos, em que andaram os vimaranenses empenhados, na defesa dos seus interesses ou em porfias pelo seu desenvolvimento. Não se apagaram ainda os ecos da sua voz tribunicia quando, há bastantes anos já, se desenhava uma campanha para a desmembração do concelho e ficaria para sempre já agora memoráveis as linhas do artigo publicado aqui, no domingo 3 de Março deste ano, quando, a propósito da anunciada reforma dos Tribunais de Trabalho, pugnando pela instalação de um, pedia nos fosse feita Justiça!

O Destino — digamos assim à maneira velha — assinala-se, por vezes, por forma singular. Pois foi precisamente, logo instantes depois, do fervoroso vimaranense retomar a pugna, pela segunda vez — que, da primeira, vencedor lograra em parte seu combate —, em defesa de um legítimo interesse da sua tão querida Guimarães, e o causídico ilustre e distinto mais uma vez pedira Justiça, que a Morte lhe entrou pelo escritório para iniciar sua obra de Algoz e de Libertadora...

Clamar por Justiça! não há mais nobre missão para a consciência humana. Mas também árdua, arriscada, exaustiva. E cada vez mais exigindo uma vasta cultura geral. Além das chamadas «humanidades», condição essencial da própria formação jurídica, e para cujo aprofundamento e divulgação muitos Letrados contribuíram e se notabilizaram, o exacto exercício da verdadeira advocacia cada vez mais impõe o alargamento e a intensificação de aturados estudos na aquisição de conhecimentos. Em muitos dos ramos das actividades espirituais, e mesmo, muito particularmente, das literárias. Ele conservou sempre, até na alegria boémia, o feição e a vocação do estudante, mas do estudante a sério: e era um leitor insaciável. As últimas novidades, mal acabadas de aparecer, já ele as tinha — e cuidadosamente acentuadas em leitura atenta e criteriosa. E assim formou uma excelente biblioteca particular, muito interessante e valiosa.

Dai, o misto do homem concentrado e expansivo, em natural reacção do temperamento ardente e másculo. Convivia, tinha amigos afeiçoados, jogava as cartas e era um verdadeiro apaixonado pelos desportos. Paixão que se traduziu ou realizou, entre nós, pela persistência casmurra através de milhentos obstáculos e pelo entusiasmo estimulante e animoso com que conseguiu alicerçar e desenvolver a nossa tão simpática associação futebolística do *Vitória S. C. de Guimarães*. Não era o fogo de palha que se acende, chameja e



Dr. José Pinto Rodrigues

logo apaga. O calor que vem do próprio sentimento do valor do problema a resolver, do obstáculo a transpor, do fim a atingir. A convicção em que se esteia bem forte e presa a tenacidade da energia. Nesse campo do desporto, como aliás em tantos outros, o fácil é, muitas vezes, complexamente difícil. Como para desarmar o difícil supera a técnica de saber reduzi-lo a fácil. Neste jogo logo se manifesta o verdadeiro desportista.

Era um democrata. Era-o por herança do sangue, por natureza

e por convicção. Herança, com seus encargos de pesada, do nome saudoso e querido de Guilhermino Rodrigues. Não é só a nobreza que tem seus pergaminhos, tradição e fisionomia ou características próprias. A democracia também as tem. E não menos honrosas e respeitáveis. Todos conhecemos honradíssimos filhos de homens pobres, cujos pais e avós já eram pobres honrados. Talvez mesmo a verdadeira humildade, consciente e digna, seja o melhor dos pergaminhos. O mais humano é com certeza. Há um sentimento comum a todas as classes, como primeiro mandamento — o apurmo moral. O democrata, ao contrário do nobre à moda antiga, que se fecha e isola na sua casta, confraterniza com todos, respeitando os grandes no tom do seu justo apreço e procurando elevar os pequenos; se não tem a cerimoniosa cortezia de maneiras rituais, procura a afabilidade do trato, o relacional de simpatias, a dignificação amigável do convívio franco. A política, sim. A política do democrata é uma. Clara, inofensiva, invencível. O anseio em melhorar, ou tornar possível viver a vida. Viver a vida humanamente. Na paz do espírito. Na paz da consciência. Dignificar a consciência humana.

E ele foi esse democrata. Eis a largos traços imperfeitos a notícia do morto. Do que pôde realizar. E à custa de quantas adversidades, preconceitos, arrelias, empêços e sacrifícios! Mas, e ainda assim, quem do que poderia realizar e viria — agora em esplêndida maturidade — a realizar o seu formoso talento, se tivesse querido ou sabido aproveitá-lo ou se chegasse, como eu esperava sempre, a oportunidade e o tempo de se afirmar plenamente...

Guimarães perdeu um cidadão de valor, o Foro um advogado ilustre. Estamos de luto. Sim, estamos de luto. E eu também que perdi nele um dos meus mais queridos amigos, dos maiores e dos melhores. A palavra amigo não diz mesmo tudo. Mas não posso, não posso!, dizer mais. Se consegui escrever estas linhas foi naquele frio das primeiras horas, em que a morte de alguém muito querido enregelava e congela a própria dor, antes das lágrimas desatarem em pranto e os gemidos soluçarem em ais. No frio que gela e enregelava a própria dor, pois a morte nos tocou também no coração.

EDUARDO D'ALMEIDA.

Homenagem Dr. José Pinto Rodrigues

Estamos no Toural, vão passados quinze dias, apenas. O mesmo espírito penetrante, com laivos de mordacidade. O mesmo cavaqueador admirável, capaz de dominar um auditório todo atento, todo enlevado, todo vencido. O mesmo homem culto, grande senhor de erudição.

Oiço José Pinto Rodrigues ali na praça principal de Guimarães, e sinto-me desvanecido, pela honra que me dá, em aceitar-me no seu campo espiritual. Ele conversa em catadupas de imagens felizes e aborda temas variados, como se o domínio dos problemas já estivesse feito, antes de serem postas as questões.

Oiço-o e observo-o com aqueles recursos que os dados da psicologia oferecem e não falham. Oiço-o e vejo-o seguro dos seus recursos mentais, firme nas suas apreciações, convicto. Está convicto da sua personalidade, está convicto que tem personalidade — um somatório de virtudes que só os eleitos conseguem reunir. E todo o homem que um dia é iluminado por esse clarão — vence.

José Pinto Rodrigues está ali, comigo, a conversar. E eu estou a agradecer-lhe, intimamente, o trato gentil em que me recebe.

Não pertenci ao ciclo das suas relações mais familiares, mas sempre que nos encontrávamos José Pinto Rodrigues prendia-me ao seu excelso espírito e à sua amizade, para me deslumbrar com a sua generosidade de afecto e a sua vastíssima cultura. Ao despedirmo-nos ficava-me um sabor doce daquele convívio com um homem superior, e uma saudade por voltar a encontrá-lo e escutar-lhe primores de inteligência.

Quando havia assembleia ou conferência ou intervenção oral do dr. José Pinto Rodrigues, eu estava presente a admirá-lo e não deixava de observar o auditório que lhe estava inteiramente rendido. Grande senhor da palavra falada, pode dizer-se que os melhores momentos da vida de Guimarães, nestes últimos anos, devem-lhe intervenções notáveis pela correção oratória e pela elevada eloquência dos seus recursos próprios. Grande senhor da palavra escrita, as suas frases eram cor-

JORGE DA COSTA ANTUNES.
Continua na 2.ª página.

As minhas relações com o Dr. José Pinto Rodrigues, vinham dos bancos do Liceu de Guimarães.

Pela vida fora — eu e ele — indiferentes ao torvelino das paixões que dividem e afastam, conseguimos sempre mantê-las íntegras.

Já meu pai e o seu — o Dr. Guilhermino Rodrigues — mantiveram, sem qualquer reserva, a melhor amizade.

Foram amigos sinceros. Acabado o curso liceal, foi para Lisboa onde se formou em Direito.

Uma vez terminada a sua formatura, regressou à sua terra natal e aqui largos anos se dedicou à Advocacia. Foi, daí em diante, que mais de perto o conheci e apreciei, numa convivência, embora ligeira, quase sempre produto da ocasião: à porta do seu escritório, no Tribunal, no café ou nos saídes de qualquer das nossas Colectividades. Sempre correctíssimo, sob todos os aspectos. Nunca da sua boca saiu uma palavra que me aborrecesse, embora a conversa incidisse sobre os mais variados assuntos.

Ele tinha as suas crenças políticas e religiosas, e eu tinha as minhas. Respeito mútuo — consideração mútua. Qualquer reticência ou crítica a qualquer acontecimento, saía-lhe sem ferir ou magoar.

Sabia ser subtil e oportuno. Como político — tolerante e coerente.

Era uma pessoa estruturalmente inteligente e ponderada, com larga soma de conhecimentos. Lia muito e lia sempre.

Estou mesmo em dizer que a literatura preocupava-o de maneira absorvente. Não havia livro que não tivesse lido e autor que não conhecesse.

Logo a seguir, vinha o profissional sabedor e culto, cuja facilidade de palavra poderosamente o auxiliava no exercício dessa nobre profissão que é o Direito.

Fôra um Advogado distinto e talentoso. Jornalista e escritor primoroso, a sua pena e a sua palavra muitas vezes foram postas ao serviço da terra que tanto adorava.

E sempre com superioridade. Bairrista, como poucos, absorveu-o, de maneira elevada, o prestígio de Guimarães.

Bastará lembrar o apurmo com que batalhou, na Imprensa, pela criação do 2.º Juízo no Tribunal da nossa Comarca e o entusiasmo com que se bateu pela construção dum edifício próprio para instalação.

CARLOS SARAIVA.

Continua na 2.ª página.

DIA TENEBROSO

De ELMANO:

O Homem não vai todo à sepultura, Não morre inteiro o Justo, o Virtuoso, Na memória dos Homens brilha e dura.

Vento de morte o Homem derrubou Neste dia de inverno e de negrura. Trovão (ou voz de Deus?) forte ecoou: «O Homem não vai todo à sepultura».

José, tu foste um Homem, foste Alguém Com o teu Verbo rubro, esplendoroso! A nossa Terra grita, a nossa Mãe: «Não morre inteiro o Justo, o Virtuoso».

O Sonho que sonhámos é de pé, Não tombará jamais, vive, perdura. Nosso Ideal é vivo, ó meu José: «Na memória dos Homens brilha e dura».

13 de Março de 1957.

DELFINO DE GUIMARÃES.

A morte inesperada do Dr. José Pinto Rodrigues

foi profundamente sentida

O seu funeral constituiu significativa manifestação de pesar

A Morte, na sua faina traiçoeira, acaba de roubar-nos mais um Amigo, indo basca-lo à própria banca de trabalho, onde tanto soube prestigiar a profissão que abraçara há bons trinta anos, depois de haver concluído brilhantemente a sua formatura em Direito na Universidade de Lisboa. O Dr. José Rodrigues — José Acácio Pinto Rodrigues, de seu nome completo — tinha acabado de escrever o artigo que publicamos em fundo no nosso número do dia 3 do corrente, quando foi atingido por grave e inesperada enfermidade. Chamado o médico, os socorros não se fizeram esperar e o doente, algumas horas depois, começava a experimentar sensíveis melhoras. Os dias, porém, foram passando e no último domingo agravaram-se os sofrimentos. A meio da tarde teve lugar uma conferência médica. Constatada a gravidade do caso, surgiram, no entanto, algumas esperanças. O doente mantinha a sua perfeita lucidez. Conversou ainda com os médicos, nada fazendo prever que horas depois entrasse no estado de coma. A pouco e pouco as esperanças foram-se perdendo e às 17 horas de segunda-feira, após rápida agonia, o Dr. José exalava o seu último suspiro, na mais perfeita tranquilidade.

A última vez que falou em público fê-lo na comemoração das Bodas de Prata do Notícias de Guimarães, que ele viu nascer e ajudou a criar, tendo sido, durante estes vinte e cinco anos percorridos, um dedicadíssimo e lealíssimo Colaborador. O seu último escrito, foi precisamente o artigo admirável que publicamos recentemente, focando um problema de flagrante oportunidade e do maior interesse para a nossa Comarca. Ficam-nos, pois, as últimas recordações desse nobre Amigo e prestimoso Conterâneo, sem dúvida um dos maiores valores desta Terra que José Pinto Rodrigues serviu, abnegadamente e com verdadeiro amor e paixão bairrista.

Republicano fervoroso, democrata intransigente, o Dr. José Rodrigues era contudo admirado e querido por todos.

Dispensavam-lhe particular amizade os seus condiscipulos Prof. Marcelo Caetano, que algumas vezes o viera visitar e o Embaixador António de Faria, que nunca o esquecia nas suas vindas a Portugal.

E de um e de outro, e de tantos outros, o Dr. José nos falava muitas vezes e sempre com a maior admiração.

Desaparece com o Dr. José Rodrigues um Homem de talento, um Político criterioso e um Vimaranense devotado à Terra.

Por isso esta sua e nossa Terra o chora, e respeitadamente se curva ante a sua Memória saudosa!

O saudoso extinto contava 55 anos de idade, que completara em 27 de Janeiro último; era casado com a sr.ª D. Joana d'Assunção Ferreira de Oliveira Rodrigues, pai

to Rodrigues e do saudoso Dr. Guilhermino Alberto Rodrigues; irmão do sr. Dr. Francisco Alberto Pinto Rodrigues, casado com a sr.ª D. Branca Pinto Rodrigues e da sr.ª D. Maria Eduarda Rodrigues de Carvalho, casada com o sr. Carlos Faria de Carvalho; e cunhado dos srs. Francisco Ferreira de Oliveira, José Ferreira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Etelvina de Castro Oliveira; António Ferreira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Fernanda de Lourdes Sá Oliveira; Dr. Serafim Ferreira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria Albertina Caramalho Oliveira e Custódio Ferreira de Oliveira.

Advogado distintíssimo, orador fluente e Jornalista apurmo, o Dr. José Acácio Pinto Rodrigues, republicano e democrata fervoroso, era um espírito tolerante, conselheiro admirável e um carácter ímpoluto.

Pensando como pensava — e nada do demoveria a pensar contrariamente — o Dr. José Pinto Rodrigues tinha amigos e admiradores em todos os campos e prestou à Cidade de Guimarães, cujos legítimos interesses colocou sempre e nobremente acima de quaisquer paixões políticas, os melhores serviços.

A sua voz, escutada sempre com geral agrado, fez-se ouvir em comícios, em assembleias gerais, em homenagens, nos Tribunais, sempre se impondo com calor e com entusiasmo, lutando pela Verdade e pela Justiça.

Fez parte do célebre grupo PRO- Continua na 5.ª página



O último retrato do saudoso Dr. Pinto Rodrigues, (obtido no dia da celebração das Bodas de Prata do nosso jornal,) junto do seu e nosso grande Amigo Dr. Eduardo d'Almeida

Crepúsculo da vida

José Pinto Rodrigues — já não é!

A morte o arrebatou. A noite «tenebrosa e augusta», caiu sobre ele. Para sempre!...

Faz pena o crepúsculo dos novos. Morrer na velhice é mais natural. A mesma existência, implacavelmente, o determina.

O Não-Ser é, logicamente, concordante com a velhice.

A morte dos novos, em verdade, faz pena!

Demais, José Pinto Rodrigues era, sem panegírico, um novo com atributos, de quem se devia esperar alguma coisa — se ele tivesse querido.

Tinha talento. Seu idealismo dilatado adejava, em aspirações.

Foi — por tudo — muito pesar que morresse na idade áurea da vida.

Cerro os olhos, reentro em mim, escuto-me:

Ordena-me o sentimento, requer minha vontade, que me reconcilie com a memória deste morto.

Aqui expresso, de alma lavada e intenção pura, esta homenagem póstuma ao infelicizado conterrâneo.

A. L. DE CARVALHO.

Uma Carta

Meu caro Antonino:

Nesta hora de saudade para o meu coração, e ante a morte do discípulo e amigo arrebatado ao convívio dos Queridos Seus, registre o «Notícias de Guimarães» estas minhas palavras, como homenagem ao vimezanense e amigo que foi o Dr. José Pinto Rodrigues:

Em 1917, em plena guerra, depois de uma longa ausência em França, regressava eu de Berceau com o meu cursozinho de Humanidades (Rétorique), feito sem favor, começando logo a exercer o professorado livre e, porque me fazia muito jeito, para fins convenientes, o diploma do 5.º ano que não cheguei a encetar, devido àquela retirada para França, quis o destino que eu me juntasse ao José e Chico Rodrigues, com o fim de nos prepararmos para o próximo exame, tornando-nos assim, *ipso facto*, discípulos.

Ficou combinado que eu os ajudaria em letras, sobretudo latim, enquanto que eles poriam à prova o seu valor em matemática, geometria e físico-químicas. E lá fomos para o exame, confiantes e serenos, sem dores nem aflições, passando com regulares notas e sem o menor favor. Acompanhamos-nos nestas *soirées* de estudo, a quem ajudávamos, também, o Abílio de Briteiros, o Clemente de Sande e o Nelson. O conjunto, conquanto algo heterogêneo como massa de intelecto assimilante, era um tanto equilibrado.

E tudo se passava ali, no Campo da Feira, ao lado esquerdo da Igreja, na casa que habitavam os pais dos Rodrigues. Nunca assisti a discussões estérteis, nem vislumbrei arremedos de chacota, quer política, quer religiosa, tanto mais que um dos escolásticos vinha do Seminário.

Ao contrário, só verifiquei respeito, tolerância, amizade fraterna. Por isso, de lá para cá, e já lá vão 40 anos, sempre nos ligo aos dois eventuais condiscípulos, uma cordal dedicação e estima, uma mútua admiração dentro do respeito que sempre merecem as ideias, ainda que um tanto opostas.

Estes factos, que muito valem, muito significam e mais representam, fixaram-se-me na retina, como lembrança saudosa.

Pobre amigo, descansa em paz e que Deus se amerceie da tua alma, pelos méritos das virtudes de amizade e sinceridade, de que deste exemplo.

Fica muito grato ao Antonino o amigo certo,

MENDES SIMÕES,

Paços dos Duques de Bragança em Guimarães

Foi declarada utilidade pública e a urgência de expropriação de numerosos prédios necessários para o arranjo da zona envolvente dos Paços do Duque de Bragança. Igreja de S. Miguel do Castelo de Guimarães.

Da vida para a morte

Se no caminho da vida há dias de grande satisfação e contentamento, outros há de grandes tormentos e amarguras. São estes, infelizmente, os que acompanham a voragem da morte, quando, sobretudo, ela surge inesperadamente, transformando em fonte de lágrimas o ambiente e a alegria de um lar.

Assim acontece, hoje, ao lar do saudoso Dr. José Pinto Rodrigues que, embora tivesse adoecido há poucos dias, nada fazia prever tão rápido desenlace, que deixou mergulhada na mais profunda consternação toda a sua estremosa Família. Dotado de grande talento e de outras qualidades que o tornaram apreciado por todas as pessoas que com ele conviveram, a sua morte criou um ramelhe de saudades que ficarão a viver para sempre no coração de quem sabe fazer justiça à virtude da dignidade humana.

Além da sua profissão de talentoso Advogado, profissão que nunca deixou de prestigiar com a elegância da sua palavra e com a firmeza dos seus conhecimentos, o Dr. José Pinto Rodrigues distinguia-se ainda como sereno e categorizado Jornalista, como eloquente orador, como devotado defensor dos interesses de Guimarães e como Homem de convicções irredutíveis, sem, contudo, deixar de ter o devido respeito por aqueles que, também irredutivelmente, militavam em campos contrários.

Esta faceta da sua vida tornou-o possuidor da simpatia que é devida aos Homens de bem, porque são esses os que, com mais direito e com mais justiça, merecem a consideração e a estima gerais.

Por isso, se outras qualidades de reconhecido apreço não tivessem — mas tinha-as — esta seria o bastante para a sua morte se tornar muito sentida. Por mim, que com ele convivi como humilde mas sincero amigo, tive muitas ocasiões de admirar a sua inteligência, a sua cultura, a sua dedicação familiar e até a generosidade do seu coração. Porém, tudo isso desapareceu com o sopor gelido da morte, mas o que não poderá desaparecer é a recordação do seu nome, que continuará a viver aquém do túmulo.

M. MENESES.

Um Amigo que partiu!...

A Parca, na sua incessante ceifa, acaba de roubar ao carinho dos seus e ao convívio dos amigos, um Vimezanense que o soube ser na verdadeira acepção da palavra.

Morreu o Dr. José Pinto Rodrigues!

Só de pensarmos nesta atroz realidade, amarfanha-se a nossa sensibilidade e custa-nos a convencer que tal tenha acontecido.

Nós que com ele muitas vezes nos cruzávamos, e que por ele tínhamos, desde longe, admiração sincera e estima verdadeira, não mais poderemos escutar a sua atraente conversação e não mais também tornaremos a ouvir da sua boca reconfortantes e amigas palavras. E' que ele, mesmo doente, sabia incutir aos outros confiança, dar-lhes ânimo.

Desventurado Amigo! Como eu recordo — e com que saudade! — a sua privilegiada inteligência, o seu acendrado amor a esta terra que lhe foi berço e a luta que através de muitos anos manteve pelo seu prestígio e progresso. Aonde quer que o nome de Guimarães reclamasse um defensor, lá estava o Dr. José Rodrigues na primeira barricada. E com que ardor se batia!

Ouvi-o, pela última vez, falar em público, na festa que os Rotários vimezanenses dedicaram aos 25 anos da fundação do «Notícias de Guimarães». E que brilho e fulgor ele imprimiu ao seu trabalho!

Num verdadeiro espírito de justiça, nessa noite memorável, a par dos nomes de autênticos valores do jornalismo, que citou, não esqueceu os colaboradores mais modestos que têm passado pelo «Notícias».

No final, quando o fomos abraçar e agradecer a referência, disse-nos, preso de viva emoção: «Não, Zé — era este o diminutivo afectuoso com que sempre nos tratava — eu não podia esquecê-lo!»

Como é a vida! Longe estava eu de supor que aquele coração generoso e aquele espírito fulgurante tão cedo se apagariam para sempre!

Que descanse em paz o nobre e leal Amigo!

J. GUALBERTO DE FREITAS.

Presidente da Câmara

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira que ali foi tratar de assuntos do maior interesse para Guimarães.

Da minha Saudade

Contristou-me profundamente a notícia do falecimento do Dr. José Pinto Rodrigues.

Sabia-o doente, bastante doente mesmo, mas mantinha ainda a esperança de poder voltar a encontrá-lo, restituído à sua vida profissional de advogado distinto.

A nossa amizade, a nossa inalterada amizade, vinha há de longos tempos da escola.

Politicamente, seguimos rumos diferentes. Ele apegado ao seu idealismo republicano: eu arrimado à minha esperança monárquica, à luz daquelas Verdades eternas que Balzac proclamou no Prefácio de *La Comédie Humaine*. Esta diferença ideológica nunca alterou, através dos tempos, a velha estima que nos unia. E' que, mesmo assim, nós éramos os companheiros de uma jornada que nos irmanava no grande desejo de engrandecimento da Pátria. A meta era a mesma. Os caminhos é que eram diferentes.

Camaradas fomos também, mas trilhando o mesmo caminho, na defesa intransigente do progresso da nossa terra, quer no aguerrido jornal dos novos de então, o *Pro-Vimezanense*, quer nos tempos de hoje, sem uma sombra de desfalecimento, sem uma quebra de vontade, como jornalista vigoroso e entusiasta que era.

E é ver como ele, sobranceiro a questões partidárias e até contrariando-as, se colocou abertamente ao lado dos que pretendiam uma condigna instalação do nosso Tribunal, pugnano por aquele *Palácio da Justiça* que se vai erguendo e que muito valorizará o arranjo urbanístico da nossa cidade. Do mesmo modo se interessou pela melhoria dos serviços judiciais, dando margem, talvez, a que, num futuro próximo, entremos na ampliação das Varas actualmente existentes e ainda insuficientes para que se possa dar melhor andamento aos processos acumulados e cada vez mais numerosos.

Orador distinto, tinha o dom da palavra; o segredo do burilado de frase, a magia fluente e arrebatadora que cativa. Era bem «a palavra generosa, que está no segredo da arte de falar justo, isto é, com justiça e justeza», como dele dizia o Novais Teixeira no «Bilhete» que lhe consagrou no último número do «Notícias de Guimarães» e que o José Pinto Rodrigues já não pôde ler.

Inteligente e bondoso, era uma alma franca, comunicativa, leal. A nossa vida profissional distanciava-nos, por vezes. Mas quando adregava de nos encontrarmos, um amigo abraço nos unia fraternalmente.

A última vez que estivemos juntos foi na festa das Bodas de Prata do «Notícias de Guimarães». Mal calculávamos, ele e eu, que essa seria a nossa última reunião de amigos.

Curvemo-nos, nesta hora triste, perante os altos designios de Deus. Mas a lembrança amiga do José Pinto Rodrigues perdurará sempre no nosso coração e na nossa saudade.

Manuel Alves de Oliveira.

Morreu o Dr. José Atálio Pinto Rodrigues

Guimarães, perdeu um dos seus filhos mais queridos e os vimezanenses, um conterrâneo que os honrava.

José Pinto Rodrigues, foi sempre um activo combatente na defesa do seu torrão Natal e um vigoroso impulsor de seu progresso.

O seu primoroso talento, a sua vasta cultura, a sua brilhante fluência, tudo pôs ao serviço da sua terra e em prol das causas nobres e justas, como aquelas que abraçava e servia com heróica dedicação.

Os economicamente débeis e os humildes, tinham nele, um denodado defensor e um desinteressado amigo.

Nunca se arremetia ao séquito dos vencedores nem bajulou a altivez dos potentes. Amou a Liberdade e a independência.

E morreu pobre, este milionário de inteligência e de saber!

No seu funeral e em volta da sua indigente sepultura, não faltaram os seus amigos e admiradores e tantos eram, que de perto e de longe, lhe vieram demonstrar o seu afecto, como não faltaram, também, com a sua concorrida presença, aqueles que, de humilde condição, ali foram prestar as últimas homenagens de gratidão e reconhecimento.

A cidade está de luto, Morreu Algúem.

A.

Bombeiros Voluntários

Na 3.ª-feira, dia 19, a Corporação dos B. V. de Guimarães, festeja mais um aniversário da sua fundação, com diversos actos, encontrando-se o quartel patente ao público durante o dia.

Bilhetes de Paris

NOVAIS TEIXEIRA.

ALTA SOCIEDADE

A. A. L. de Carvalho, autodidata como eu, da rua da Rainha como eu, velho amigo, pena laboriosa e honrada ao serviço da Minha Terra.

Saiu em Paris «High Society». Foi a última fita da vida civil de Grace Kelly. Lá aparece, novinha em folha, a colecção de vestidos que Grace exibiu em Mônaco por ocasião do casamento. Assistimos às cerimónias. Vimo-los ao natural.

Já fomos três vezes ao espectáculo. Uma, para ver a fita; duas, para ouvir o público. Porque o espectáculo está, sobretudo, cá em bñixo, na plateia.

A película é toda ela doce de côco com melodias aveludadas por Sinatra e Crosby e uma «Marcha Nupcial» em jazz soprada em esguichos por Luis Armstrong. Nada fora do disparate sentimental e ruidoso! A música colá-se ao ouvido.

A crítica desta vez não é da nossa jurisdição. Cumpre-nos, simplesmente, dizer para ai quais as reacções do público parisiense diante desse acontecimento social, que tem, na verdade, o seu quê de singular. Não se pode ser Princesa em vão! Pelo menos, Princesa improvisada. Os caprichos do destino, quando nos sentam num trono, pagam-se caro! Os parisienses exigiram agora o preço a Graça de Mônaco. E que preço!...

Neste afluir em massa a um filme sem interesse há curiosidades alheias ao cinema. Há até curiosidades mais! Sente-se o buraco de fechadura. Procura-se intuir pelo estilo amoroso da artista na tela o das intimidades da Princesa na alcova conjugal. Os olhos tentam penetrar no «écran» os segredos que a imaginação se esforça por devassar. Nunca tanto se pecou pelo pensamento! O espectáculo vale a pena. Só visto!

A discrição de Paris para as coisas do amor é um exemplo de bom gosto. Roça ofese pela simplicidade. Paris oferece a qualquer mortal essa compreensão e esse conforto. Mas com os Principes faz excepção. Sou testemunha autorizada. Já morei na mesma casa de Levallois que frequentava Carolo da Roménia...

Numa cidade tão humana como Paris, e de braços abertos a todas as delícias, a que obedecerá essa indiscrição de vulgaridade ante as figuras mais ou menos coroadas? O despeito rompendo as barreiras de todas as conveniências? Decerto que sim! Que significa, senão, aquele «Pauvre Rainier» insidioso que ouvimos no escuro dos lábios de uma linda loira esbrazeada de tensão nervosa diante da lânguida anatomia de Grace Kelly? Que enigmáticos reflexos de frustração compadece ela no Príncipe? O certo é que o ar das senhoras e senhoritas que assistem ao espectáculo não vai muito com o teor dos comentários. Não é de ironia nem de irritação, mas de desconfiança. Há uma evidente competição de gente da mesma classe em que Grace ganhou. Não se perdoa esse triunfo à americana!

A crítica chega a crueldades intoleráveis. Grace Kelly, de solteira, foi uma artista geralmente minada pelos críticos de cinema. Todos nós dissemos dela maravilhas! A que vem esse desamor dos críticos, depois de casada? Que carências cénicas vêm elas na Princesa que não enxergavam na artista? Porque esses julgamentos de efeito retroactivo? Parece que estamos a condenar como súditos o que uma soberana não deve fazer em público. Era já ela soberana quando se

rectas e em estilo solene. Dominador destas duas facetas, quando José Pinto Rodrigues pronunciava um discurso, que lia, a frase tomava calor e a dicção completava a beleza da frase.

Ledor apaixonado, o seu companheiro constante era o livro que trazia consigo, ou a revista ou o jornal — que lia, digerida, comentava e divulgava com uma nobreza de sentimentos que era seu timbre.

Como o sino forte do campanário, cujo som domina as vizinhanças, a sua palavra compassada e de recta pronúncia, escutava-se solenemente — após a sua oração ficava uma quietude de bem-estar.

Quinze dias, apenas, ali no Tournal: o dr. José Pinto Rodrigues, lúcido como um génio criador, simples como os eleitos sabem comportar-se, grande como só os humildes exalçados por virtudes que não se compram, conversava comigo neste prenúncio de primavera que convida a voos do espírito.

Despedimo-nos até ao próximo encontro, que ele queria fosse breve.

Amigo, querido amigo: Qual de nós pode asseverar que nos encontraremos amanhã?

Se não fosse o seu talento, José Pinto Rodrigues teria desaparecido, efectivamente, quando nos separámos naquela tarde morna com anúncios primaveris... E eu nunca mais escutaria a sua palavra brilhante e nunca mais seria distinguido com o seu afecto...

Jorge da Costa Antunes.

Novo Patronato

Um grupo de Senhoras, componentes das Conferências de S. Vicente de Paulo da freguesia de S. Sebastião, solicitou ao Sr. Manuel Mendes de Oliveira a cedência, a título provisório, de umas dependências de uma casa que possui na rua de Camões, para ali instalar o

Dr. José P. Rodrigues

Continuação da 1.ª página.

ção condigna de todos os serviços judiciais.

Como desportista, trabalhou imenso dara que o desporto vimezanense se impusesse como uma realidade.

A alegria com que me falara um dia da construção do futuro Estádio!...

Eis, em ligeira síntese e à pressa, as suas altas qualidades intelectuais e profissionais.

Ouvi-o pela última vez, não há muito, no salão nobre dos nossos Bombeiros.

Conferência magistral, bem pode classificar-se de cant- do cisne. Como sempre, a sua palavra fluente prendeu a atenção de todos os que tiveram a felicidade de escutá-lo.

Mal eu sabia que não tornaria a ouvi-lo, se bem que me impressionasse desagradavelmente a sua obesidade disforme e o tom corado da sua pele!

Fôra o último abraço que trocámos.

Parece-me senti-lo, ainda agora, de encontro ao meu peito. Mas o que bate, já não é o seu coração bondoso e afável.

São as marteladas emotivas do meu, diante do seu corpo frio.

Confesso que profundamente me entristece o seu desaparecimento.

Mais pobre fica a nossa terra, a quem todo e abnegadamente se deu, na riqueza do seu coração e da sua inteligência.

Era um espírito de eleição, nesta época de egoísmo grosseiro e de impertinente megalomania.

Se tivesse sido, como muitos, interessado e acomodático, teria ido longe, pois não lhe faltavam recursos.

Dolorosamente verificamos que a doença e a morte, nos últimos tempos, vão deixando, bem vinca-do, o sulco da sua passagem no panorama espiritual da cidade.

Pouco a pouco, vão rareando os valores que nos habituamos a venerar.

Agora coube a vez ao José Rodrigues.

E a terminar estas palavras, de pura veneração pela sua memória, recordo outras que li há tempos, de Raúl Brandão, no seu livro *Vale de Jusafat*, a propósito da necessidade da criação de novas *élites*.

Dizia ele: «Não *élites* que nos subjuguem — mas *élites* que nos conduzam para a beleza e para a justiça».

Sim — para a beleza e para a justiça!

E ninguém melhor do que o José Rodrigues soube enquadrar-se nesta legenda, pois a beleza e a justiça foram a pedra de toque de toda a sua delicada estrutura psicológica.

Foi, na verdade, um criador de beleza pelas superiores inclinações do seu Espírito e um cultor da justiça, pela bondade ilimitada do seu coração.

Carlos Saraiva.

Teatro Jordão

APRESENTA

NOITE, 8'S 15 0'S 21,30 HORAS

5 SEGUNDA-FEIRA, 10 -- 8'S 21,30 HORAS

CINEMA SCOPE 55

O REIEU

com Deborah Kerr e Yul Brynner

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 19 -- 8'S 21,30 HORAS

Margarida da Noite

com Claudet Autant e Lara Michel Morgan

Um drama Poético e fantástico... Uma obra extraordinária e emocionante.

(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 21 -- 8'S 21,30 HORAS

BOM DIA, CATARINA

com Catarina Valente e Nicholas Brothers

Um filme que nos transporta a um mundo de sonho e fantasia.

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 23 -- 8'S 21,30 HORAS

As aventuras de Cadet Rouselle

Technicolor

com François Perier e Dany Robin

Uma luta de morte onde só vence o mais forte.

144 Espectáculo para maiores de 13 anos

Resumo das Notícias de Guimarães

Patronato destinado a crianças pobres da mesma freguesia, obtendo a imediata e generosa adesão daquele estimado Vimezanense, que desse modo e em homenagem à saudosa memória de sua querida esposa, Senhora D. Marília Passos de Oliveira, cujo nome será dado ao referido Patronato, quis praticar mais um acto de benemerência. Regista-se este gesto que revela os nobres sentimentos de quem o praticou.

Sermões Quaresmais Os Portugueses em São Paulo

Pelo P.^o MANUEL MATOS.

II

Da Varanda dos Santos Passos — Ao Campo da Feira

Acredita, leitor, que já ouvi umas boas centenas de sermões... e alguns ficaram-me gravados na memória... principalmente aqueles que se faziam acompanhar dum puxão de orelhas...

Estes nunca esquecem... Ora, hoje em dia, parece que, isto de ouvir sermões, está a passar de moda.

Ninguém quer ouvir sermões... especialmente quando eles contrariam as nossas ideias ou militam contra os nossos erros e vícios.

E, no entanto... ai de nós se não temos quem nos corrija e nos chame ao cumprimento dos nossos deveres.

Ora... e isto é que é importante dizer-se na hora que passa — em vários templos da cidade vêm sendo pregados magníficos sermões — pregões celestes a chamarem o cristão aos caminhos iluminados da Fé... e a verdade é que...

Mas, vamos ao «meu» sermão que dispõe dum auditório bem diverso daquele que escuta o orador dos Santos Passos.

Eu queria, apenas, ser um eco ressonante da sua voz... Eu desejava repetir o que ele ensina lá dentro... mas não me atrevo a tanto...

Iria diminuir o brilho das suas palavras...

Vou fazer, pois, o meu sermão. Eis-me colocado na Varanda do Templo dos Santos Passos.

Dali vejo gente nova que accorre, pressurosa, para ver os Passos e ouvir o pregador.

Mas interrogo-me a mim mesmo: Quem é aquela gente? Onde vem? Que a traz ali? Que leva?

Aquela gente... é a mocidade em flor... de alma ardente... coração inflamado...

Vem das casas humildes, dispersas pela cidade e arrabaldes.

Vem ali para alimentar com o azeite da pregação sagrada a lâmpada da sua Fé...

Leva calor na alma... propósitos no coração...

Assim seja... assim seja...

Mas... não estarei delirando num luar de rosas?

É que... apouqueta-me um presentimento.

Eu vejo também meninas vestindo toilettes garridas, acompanhadas ou seguidas de perto dos seus namoros.

E ouço-os dizer... (cala-te boca... não sejas indiscreta... és teimosa em querer dizer a verdade... e a verdade é coisa cruel).

Havia em Coimbra um tenente-coronel que tinha uma filha única que muito amava.

Fazia-lhe a corte um estudante pelintra, de quem ela não gostava. Um dia pararam, pai e filha, diante duma montra e o estudante que vinha próximo, apreciando a sua bem-amada, parou também.

O oficial, sentindo-se insultado, vibra-lhe uma valente bofetada.

E o estudante responde:

— Bate, pai cruel, que no coração da tua filha bates...

A mocidade de hoje — a masculina — perde-se muito com coisas de futebol e cinema... e amor.

A feminina — ainda ouve sermões mas os seus divertimentos favoritos abafam a boa semente da palavra de Deus e entre eles avulta a mania do namoro.

Quando saem do templo, dizem eles às suas amadas:

— Ora... ora... melhor faríamos se tivéssemos ido ao cinema... não achas...

E elas, sorrindo ao amor, encolhem os ombros e respondem:

— Que quereis? As nossas mães ainda vão nestas cantigas...

A saída do cinema:

— Gostaste?

— Muito... diz ela.

— Sempre é bem melhor do que ir ouvir sermões... ora diz lá...

— Se não... confessa ela.

— Aquilo é uma maçadoria... diz ele em conclusão.

Parece-me que não estão a achar graça nenhuma ao meu sermão...

Mas creiam que a mentalidade cristã está enfermado duma falta imensa de pregação.

O terreno nada produz ou só produz ervas bravas, quando se lhe não lança boa semente.

A Fé vem-nos pelos ouvidos — já o disse o Apóstolo S. Paulo.

E a pregação que a alimenta.

Ora, nota-se que a mocidade não gosta de ouvir sermões.

E será só a gente nova? Infelizmente não é.

E é por isso que muitos católicos não sabem o que são... porque não são nada...

Ser católico é ter Fé na Igreja Católica... é conhecer a sua doutrina... é obedecer às suas leis... é ouvir a Sua pregação... é conhecer o Evangelho...

E disto não cuidam tantos e tantos católicos... ricos e pobres.

Por isso a sua Fé é morta, não tem vida...

E, no entanto, disse-o o próprio Cristo: Sem Fé é impossível agradar a Deus...

Mas como hão-de ter Fé aqueles que não vão ouvir o Evangelho?

Leitor amigo: não te zangues com o meu sermão... se, acaso, ele te atinge.

Cultiva a tua Fé, indo ouvir com amor a Palavra de Deus.

Dela haurirás a tua Salvação.

Diz comigo: Senhor, eu creio, mas aumenta a minha Fé.

A seguir:

De ao Pé da Colegiada.

Bernardino Monteiro de Abreu, fundador da Beneficência Portuguesa em São Paulo

(Transcreve-se, com a devida vénia, do nosso prezado colega do Rio A Voz de Portugal).

As figuras do idealizador Luís Semeão Ferreira Viana e dos seus companheiros de ideal segue-se a de Bernardino Monteiro de Abreu, natural da cidade de Guimarães, berço da nacionalidade portuguesa, cujo papel de fundador está bem definido nas seguintes notas: «Relutavam alguns, a princípio, não convictos da realização da ideia aventada por Luís Semeão, a prestarem as suas assinaturas à adopção de ideia tão sublime. Mas quando Miguel Gonçalves dos Reis apresentou a folha, ainda virgem de assinaturas, a um moço de nome Bernardino Monteiro de Abreu, este, ardoroso e entusiasmado com a iniciativa proposta, não só imediatamente nela lançou o seu nome, como, encorajando os propugnadores de tão elevada e patriótica ideia, prometeu auxiliar com o concurso do seu valimento junto a outros portugueses, o que efectivamente fez. Daí em diante cessaram, como por encanto, as relutâncias que obscureciam o horizonte esplendoroso da nascente Sociedade. Em menos de 15 dias a lista de assinaturas cresceu de tal modo que no dia 2 de Outubro seguinte era havida como fundada a Sociedade

Portuguesa de Beneficência de São Paulo, atingindo a 168 o número dos seus fundadores».

Depois de fundada a Sociedade, Bernardino Monteiro de Abreu ressurge no cenário associativo daquela instituição em 1881, como Conselho-Mordomo, fazendo à sua custa as despesas do Hospital, no mês de Julho, em virtude do que lhe foi conferido o título de Sócio Beneficor.

Tendo sido eleito membro da Comissão de Contas em 1882, foi eleito presidente da directoria em 16 de Abril de 1882 e reeleito em 22 de Abril de 1883, voltando a ocupar o mesmo cargo nos anos de 1889, 1890 e 1891. Pelos relevantes serviços que prestou à Sociedade, foi-lhe conferido em 1884 o título de Sócio Benemérito.

Encerrando estas anotações à margem da personalidade de Bernardino Monteiro de Abreu, transcrevemos as seguintes notas biográficas da autoria de António Góis Nobre, o saudoso historiador da Beneficência Portuguesa de São Paulo:

«Em 1859, Bernardino Monteiro de Abreu contava a idade de 21 anos. Ocupava o lugar de gerente da casa comercial de Daniel Campos de Gusmão. Mais tarde, foi estabelecido como alfaiatário, sendo um dos mais conceituados comerciantes desta cidade, tendo sido nomeado Vice-Cônsul de Portugal em Janeiro de 1891 e elevado a Cônsul em Junho de 1900».

«O Governo Português agraciou Bernardino Monteiro de Abreu com a Comenda da Real Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e com a de Nossa Senhora da Conceição, galardoando assim inolvidáveis e memoráveis serviços prestados a esta cidade. Pelos seus raros e exemplares merecimentos, foi nomeado sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, inquestionavelmente uma das instituições científicas portuguesas que mais honra os seus associados e a Nação».

Bernardino Monteiro de Abreu havia chegado a esta cidade no ano de 1858, isto é, precisamente um ano antes da fundação da Sociedade a que imperecivelmente ligou o seu nome».

«Faleceu nesta cidade de São Paulo no dia 10 de Março de 1908, aos 70 anos de idade».

vido, como alguém que vemos ao longe, no fundo de um caminho, envolvido no nevoeiro. Não importa que a nossa memória fraqueje se nos lembramos que cada uma dessas obras impressionou-nos pelo seu patetismo, pela maneira como a dor, a tristeza e a melancolia adquiriram, limpas de toda impureza sentimental e chorona, uma alta significação artística. E é assim porque a literatura de grande estilo, que é uma arte essencialmente dramática, nos mostra o homem por dentro, no seu lado mais patético. Não deixa de ser curioso o facto de o homem se ter servido da sua própria imagem para exprimir o símbolo da mais perfeita beleza e da mais acabada desordem.

Para expressar o seu anseio de beleza e talvez incitado por um obscuro sentimento narcisista, aprendeu o seu corpo. E para exprimir os seus anseios de se conhecer, para se desafogar, recorreu ao seu espírito. Os dois símbolos — o da beleza e o da desordem — são de origem grega. O primeiro deve-se aos escultores e o segundo aos escritores. E bastante surpreendente que, enquanto se escrevia o *Alceste* esculpia-se o friso das panatencias, e que Policleto — o autor do jovem lanceiro chamado Kánon ou medida — fosse contemporâneo de Sófocles — o autor de *Antígona* a tragédia do rei por causa do qual perece toda a sua família.

Esta contraposta capacidade simbólica do homem, reafirmada logo pela Renascença italiana, operou durante séculos, a favor do carácter «belo» das obras plásticas e do acento patético das literárias. Hoje, porém, sabemos que a beleza plástica pode encontrar-se por caminhos diferentes daqueles que trilharam os gregos. Mas não chegamos a compreender uma literatura na qual palpita verdadeiramente a vida, sem o brilho patético. E não a compreendemos porque talvez o homem não seja, no fundo, senão uma mistura complexa de dor, tristeza e melancolia.

Dor, tristeza, melancolia, são estas as notas que uma e outra vez soam no teatro de grande estilo, desde *Medée* até as *Sete personagens* passando por *Macbeth* e *Phèdre*. E estas são também as notas do último grande género literário: a novela. Pensemos na *Princesse de Clèves* no *Le Rouge et le Noir* no *Idiota* em *Ana Karenina* e nalgumas novelas de Balzac, de Flaubert, de Camilo e de Eça de Queirós. Não importa que a acção destas novelas se nos tenha também diluído na memória. Nem importa também que o perfil das suas personagens se tenham dissol-

DE COVAS

Expediente

Um leitor, Pevidém. — Ainda não recebemos qualquer informação da Direcção do Sindicato Têxtil de Guimarães e, portanto, já vemos que a razão está do lado do tal associado que não pôde falar...

Pois claro, podem abordar o assunto das cotas — nós também já aqui o abordamos — pois não se compreende que os associados do Distrito de Braga paguem mais 8\$00 por ano que os do Distrito do Porto. Não será melhor aguardar mais uns dias?

... Silva, Gêmeos. — Agradecemos a informação. Faça como diz que faz bem. Mande sempre.

Uma leitora. — Diz-nos entre outras coisas o seguinte. «Sou casada e mãe de cinco filhos menores, dois deles doentes, e meu marido que era o único sustentáculo de toda a família está desempregado...»

Trabalhava como empregado de escritório mas como um empregado da C. P. se reformou foi despedido para esse reformado ocupar a vaga. Agora vivo nas mais precárias condições financeiras e não sei o que hei-de fazer...

— E, na verdade, muito triste a situação desta leitora. O caso dos reformados precisa de ser revisto, pois não se compreende este estado de coisas. Ora, se esses empregados podiam viver com o ordenado enquanto estavam ao serviço porque não se proíbe que ocupem outro lugar depois de reformados (tanto mais que alguns ainda ganham mais do que antes), pois não têm os mesmos descontos? Além disso, sujeitam-se a baixos ordenados prejudicando os ordenados dos colegas e contribuindo para o desemprego. Se algumas reformas estão baixas é preferível actualizá-las mas não permitir que ocupem outro lugar.

E qual é o reformado que ainda não está cheio de trabalhar? O que se entende por reforma?

Livra!

Começava assim a reportagem, que ocupava uma página, de S. Tiago de Cadoso, num semanário do dia 7 do corrente e só desconhecemos o feliz autor.

«Não é inteiramente desconhecido para os nossos leitores o que se passou nesta paróquia durante o ano transacto. Houve mesmo correspondentes de jornais que algo disseram, mas nem sempre foram muito felizes no que escreveram...»

Então os outros correspondentes não foram felizes no que escreveram, apesar de terem noticiado na mesma semana (salvo erro em Setembro e Outubro do ano findo), e em poucas linhas diziam tudo? E este autor foi muitíssimo feliz — felizíssimo — ao noticiar aqueles pequenos cortejos passados 4 ou 5 meses?

Carnaval indesejável

Sob este título publicou um correspondente de Guimarães, na Imprensa diária, uma merecida crítica aos abusos dos «bombardeamentos» nos dias de Carnaval chamando a atenção das autoridades. Associação-nos também ao justo protesto, tanto mais que no dia de Carnaval fomos forçados a atravessar, correndo perigo, um dos campos de «batalha» — Largo 28 de Maio, apesar de a dois passos dali se encontrar um sinalero no seu posto...

Cumprimos o nosso dever

... lembrando a quem de direito o breve internamento dum demente que há meses o quase diariamente passa aqui e, segundo nos informam, que vem da freguesia de Vilarinho, Santo Tirso, percorrendo

assim mais de 20 quilómetros e descalço...

Casamento

Na paroquial de Buarcos, Figueira da Foz, consorciaram-se, no passado domingo, a menina Sara Lapa Simões, daquela cidade, sobrinha do nosso prezado amigo Sr. David Garcia e de sua esposa, com o nosso conterrâneo e amigo Sr. Abílio Pinheiro Gomes.

Que Deus reserve aos recém-casados o melhor e mais alegre futuro de que são merecedores.

«Bem-Fazer»

Através do *Notícias de Guimarães* os nossos leitores tomaram já íntimo contacto com o «Bem-Fazer», que tem por fim vestir crianças pobres. Já aqui registamos os nomes dos primeiros beneméritos e esperamos que muitos mais o façam...

Hoje, registamos um donativo de 50\$00, do nosso bom amigo Senhor Jaime Pereira da Cunha, proprietário da «Gráfica Covense», que por nosso intermédio foi entregue ao grupo.

Assim, para o próximo mês serão contempleadas algumas crianças pobres.

Breves linhas

A Câmara Municipal concedeu um subsídio à Junta de Freguesia de Polvoreira para alargamento e reparação do caminho do Codeçal, conforme aqui pedimos.

Notícias pessoais

Continua doente o nosso bom amigo Sr. Alexandre Teixeira, a quem desejamos o breve e completo restabelecimento. — C.

POEMA

(INÉDITO)

Eu sou: dentro de mim. Fora de mim.

Eu sou um:

Eu sou Um que formo todos os Uns no Um.

Eu sou a chama pequenina que formo a Grande Chama.

Eu sou luz que dou luz e recebo luz da Luz.

Eu sou o grão de areia que, no infinito, formo o Infinito.

Eu sou: eu sou o Princípio e o Fim sem fim e sem princípio do Grande Todo.

Eu sou para quem e além da Morte e da Vida.

Eu sou... porque existo!

1-3-957.

SILVA JUNIOR.

A situação da Casa do Minho

A comissão de propaganda da Casa do Minho, recentemente nomeada pela Direcção desse Organismo regionalista, tem-se ocupado de dar execução ao plano que elaborou para integrar na colectividade o maior número possível de minhotos residentes em Lisboa. Procura-se deste modo, não só garantir a continuidade da existência da velha instituição, mas criar-lhe as condições que lhe têm faltado de exercer amplamente a acção que lhe compete.

O apelo lançado nesse sentido já teve como primeiro e feliz resultado que se reuniram em torno da referida comissão os sócios João Alves Pereira, José Pereira de Araújo e Flávio Gonçalves, que são os únicos sobreviventes da comissão que em 1923 organizou o Grémio do Minho, transformado em 1934 em Casa de Entre Douro e Minho, e agora com a designação de Casa do Minho já votada em Assembleia Geral.

Junto a essa «velha guarda», outros sócios mais modernos, embora alguns também sejam bem antigos, prontamente acudiram com a sua coadjuvação, pelo que a comissão de propaganda da Casa do Minho verifica que a missão de que se incumbiu foi perfeitamente compreendida em quanto significa como grido de união de todos os minhotos dentro do organismo que na capital os representa.

Mercê desta coadjuvação de esforços já se tornou sensível a entrada de novos sócios, o que demonstra que os objectivos em vista poderão ser coroados de pleno êxito uma vez que todos os minhotos se comprometem de igual espírito de solidariedade e colaboração. A Comissão de propaganda reúne-se às quinta-feiras, pelas 21,45 horas, na sede social, à R. Vitor Cordon, 14-2, e espera que continuem a afluír a essas reuniões todos quantos sentem e desejam que a Casa do Minho se eleve à posição que lhe cabe ter entre as instituições regionalistas de Lisboa.

A Direcção da Casa do Minho, em execução do plano proposto pelo seu Presidente, Sr. Artur Maciel, para o actual exercício, e à semelhança do que já fez quanto à criação da comissão de propaganda, designou de entre os seus membros aqueles que ficam a constituir a comissão de acção cultural — Srs. Dr. Carlos Lobo de Oliveira, Dr. Júlio Evangelista e Horácio de Castro Guimarães — e a comissão de festas — Srs. Dr. José Lacerda e Megre, Dr. Augusto Gonçalves Vaz e Demétrio Barbeitos.

Congratulando-se com a actividade já desenvolvida pela primeira dessas comissões, assentou que a segunda se ocupasse imediatamente da organização de um ciclo de conferências e palestras consagradas a temas e problemas de interesse do Minho, e ficou a terceira incumbida de estudar desde já o programa de um grande festival folclórico a levar a efeito em Lisboa por ocasião do próximo 34.º aniversário da instituição.

Foi também resolvido solicitar a diversos periódicos minhotos, que ainda o não fazem, a sua remessa para a Casa do Minho, e registar na acta um voto de louvor aos jornais *Diário de Lisboa*, *Notícias de Viana*, *Notícias de Guimarães*, *Estrela do Minho*, *A Doz de Trás-os-Montes* e o *Vilarealense* pelos artigos que ultimamente inseriram em defesa do regionalismo e das casas regionais.

Foi também resolvido solicitar a diversos periódicos minhotos, que ainda o não fazem, a sua remessa para a Casa do Minho, e registar na acta um voto de louvor aos jornais *Diário de Lisboa*, *Notícias de Viana*, *Notícias de Guimarães*, *Estrela do Minho*, *A Doz de Trás-os-Montes* e o *Vilarealense* pelos artigos que ultimamente inseriram em defesa do regionalismo e das casas regionais.

Grande Excursão à Corunha (ESPANHA)

Em confortável camioneta da Empresa João Carlos Soares

A realizar em 25, 26 e 27 de Maio próximo, passando por Braga, Monção, Valença, Tuy, Redondela, Pontevedra e Santiago de Compostela e com demora na Corunha, tendo paragem em Vigo, no regresso

Preço, incluindo o custo do passaporte, 170\$00; idem, sem passaporte, 130\$00

A inscrição está aberta até ao dia 30 de Abril, marcando-se lugares na rua de Paio Galvão, no escritório da Empresa, ou pelo telefone n.º 4458

(114)

Guimarães, Março de 1957.

JOÃO GASPAS.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade. — Camilo C. Branco.

E C O S

(RETARDADO)

Há coisas estranhas que nos deixam admirados, a ponto de as julgarmos impossíveis, mas, infelizmente, sucedem.

Luta a cidade, conforme é do conhecimento geral, com falta de espaço para se desenvolver. O casario aglomera-se em confusão e, dentro dele, uma população densíssima vive em condições tais que a promiscuidade disso resultante é um tremendo perigo moral e a situação higiénica e salubre um inquietante problema.

Para sanar estes males — qual deles o mais grave — só há um caminho a seguir: alargar a cidade, abrir novas ruas e construir muitos prédios.

Mas estas belas intenções que o município — justo é reconhecê-lo — procura realizar, embate com uma muralha dura de romper, formada pelos donos dos terrenos — como já nos temos referido — que, em sua defesa, aliam influências, procuram protecções para evitarem esões intentos.

E estranho, mas é verdadeiro. Como se há-de, então, fazer casas se não há ruas?

Como se há-de alargar a área da cidade se lhe negam espaço?

E clama-se por melhoramentos e só se encontram dificuldades e entraves!

Mais ainda. Quantos procuram, por sua iniciativa, adquirir terrenos para edificar habitações próprias, e a resposta impertinente e absurda que recebem dos proprietários é, invariavelmente, esta: não vendo, compro!

São os terrenos a expropriar e destinados ao alargamento da cidade, mal pagos?

Já aqui afirmamos, peremptoriamente, que não.

Já aqui dissemos que, sendo também proprietário de terrenos, — por pouca sorte fora do alcance do Plano da Urbanização — não poríamos entraves à sua alienação, porque ao preço a que têm sido pagas as expropriações já feitas, aumentaríamos em muito os rendimentos, adquirindo noutros lugares maiores áreas com o triplo da produção.

Há, portanto, na transacção, um saldo positivo que é embolsado pelo proprietário, que faz deste modo um «negócio da China».

A mais-valia que esses terrenos sofrem, é motivada pela sua inclusão no âmbito do urbanismo geral, sem o qual, o seu valor, não ia além do custo corrente de qualquer propriedade rústica.

Não têm, portanto, os proprietários, razões de queixa quanto ao valor atribuído a esses terrenos e os entraves e demoras que opõem, podem causar um mal ainda maior, pela perda da oportunidade de se construir um novo Liceu, absolutamente necessário e imprescindível à cidade e conchelo: da abertura de novas ruas para a construção de prédios, indispensáveis ao alojamento de tantas famílias desprovidas de habitação condigna.

Ora, estas necessidades, não podem ser esquecidas nem tão-pouco adiadas, em virtude da sua grande falta.

Deve pensar-se nisto e avaliar conscienciosamente a importância que representa para este populoso centro a solução dos problemas do ensino secundário e da cruciante falta de habitações.

Mas, no meio destas lamentáveis coisas, há, no entanto, exemplos dignos de realce e merecedores de louvor, por parte de raros proprietários que, embora na defesa dos seus interesses, concorreram e facilitaram a realização de importantes melhoramentos.

No Porto, em Viseu e mesmo aqui, em Guimarães, houve donos que ofereceram gratuitamente aos municípios os terrenos necessários à abertura de novas artérias, para assim valorizarem os seus terrenos marginais destinados à construção de residências.

Foram inteligentes, ganharam dinheiro, aumentaram a sua fortuna e não entravaram o progresso e o desenvolvimento das suas próprias cidades.

E não foi preciso solicitar protecção, nem conseguir influências de tomo, para defenderem os seus interesses.

Todavia, não vimos que qualquer protecção seja prestada, nem se inovem influências, para evitar as tristes consequências das expropriações de vastas áreas agrícolas, que atingem os lavradores e suas numerosas famílias, e que ficam, assim, desprovidas de terras, aonde afeiriam, com dificuldade, o seu modo de vida.

Esses, coitados, por serem pobres e humildes, não têm, no altar das influências, uma vela acesa que os proteja do triste futuro de desempregados.

E bem numerosos são. A terra é sempre a mesma, não aumenta, como a riqueza na mão dos potentados, mas eles, os trabalhadores do campo, são de cada vez mais.

Esses, sim, é que era preciso olhar por eles.

O que foi o Carnaval entre nós, basta uma só palavra para o descrever: uma vergonha!

A cidade foi invadida por uma horda de selvagens que lançaram milhares de petardos nas ruas, aos pés dos transeuntes, ferindo e queimando, sem respeito por ninguém, numa licenciosidade que causou revolta e asco.

Foram três dias em que a estupidéz e a maldade reinou livremente.

O que nos falta ainda para alcançarmos os benefícios da civilização!...

Instituto Nacional de Estatística

Durante os anos de 1957 e 1958 pensa o Instituto Nacional de Estatística realizar um inquérito industrial em todo o País com o fim de localizar as unidades dos diversos ramos de actividade industrial e conhecer a importância de cada um destes no conjunto «Indústria» segundo o número de pessoas empregadas, o montante dos ordenados e salários pagos, o valor dos bens de capital existentes, o valor da produção e o valor de alguns consumos.

A realização deste inquérito compreenderá duas fases: a primeira terá lugar entre 25 de Março e 20 de Abril próximos nos concelhos de Guimarães, Fundão, Ourique e Portimão; quanto à segunda, que se estenderá a todos os restantes concelhos do País, ainda nada há assente sobre o período da sua execução embora se possa desde já afirmar ser muito possível que ela se verifique a partir de Abril de 1958.

Julga-se desnecessário encaixear o interesse dum trabalho desta envergadura numa época em que o Governo sente a necessidade de dispor de estatísticas que lhe permitam orientar a sua política económica no sentido de proporcionar à comunidade o maior bem-estar possível e os particulares lutam com a falta de elementos informativos acerca de determinadas actividades industriais, muito especialmente quando se trata das próprias actividades que exploram.

Não basta, porém, que haja estatísticas. Torna-se indispensável que os elementos que servem de base à sua elaboração sejam tanto quanto possível exactos. De contrário corre-se o risco de se gastar dinheiro baldadamente na elaboração duma estatística cujo uso poderá ter consequências perigosas.

É, portanto, necessário que todos os inquiridos prestem uma colaboração tão ampla quanto possível ao inquérito industrial que se vai realizar a fim de que os seus esforços neste sentido conduzam à obtenção de resultados que a todos poderão ser úteis.

Não há motivos para um falseamento propositado de declarações pois o absoluto segredo dos elementos fornecidos à Estatística é garantido pela Base V da Lei n.º 1911, de 23 de Maio de 1935, que reza assim:

«Os elementos estatísticos de ordem individual recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística são de natureza estritamente confidencial. Não podem ser discriminadamente inseridos em quaisquer publicações nem deles pode ser tirada certidão; constituem segredo profissional para todos os funcionários do Instituto; nenhum tribunal, repartição ou autoridade pode ordenar ou autorizar exame em qualquer elemento ou informação recolhidos pelo Instituto».

E na realidade o Instituto mostrou-se sempre muito escrupuloso no cumprimento desta disposição, nomeadamente não permitindo que outros funcionários além dos estritamente indispensáveis contactem com elementos estatísticos de natureza individual.

De resto a confiança na salvaguarda do segredo estatístico tem sido manifestada por grande número das entidades que regularmente preenchem boletins estatísticos ao tomarem a iniciativa — sem qualquer repugnância ou reserva — de pôrem à disposição do Instituto os seus livros de contabilidade e quaisquer outros documentos para confirmarem a veracidade de declarações em relação às quais o Instituto formulou dúvidas.

Goya no Museu de Arte de São Paulo

A Associação Comercial do Rio de Janeiro deu uma grande recepção para serem apresentados aos numerosos e distintos convidados mais dois quadros de Goya que vão enriquecer as já famosas paredes do Museu de Arte de São Paulo. Trata-se de uma casa que a iniciativa e a audácia visionária e realizadora do seu fundador e sua alma que é Assis Chateaubriand está transformando dia a dia num dos mais belos e mais ricos de todo o Mundo. Já hoje é o melhor da América Latina.

Nesta festa o senador Assis Chateaubriand, que em Londres irá ser o porta-estandarte do ideal de aproximação anglo-luso-brasileira no seu cargo de Embaixador, ele que é um embaixador volante e permanente do Brasil em todo o Mundo, proferiu um curioso discurso em que fez sobressair os méritos da classe mercantil e as realizações de beleza que se não realizariam sem o apoio decidido dessa classe. Disse: «Não resta dúvida, que angariar recursos para fazer importar obras-primas de arte, constitui tarefa árdua. Impossível ou mesmo difícil, porém, é realizar tal tarefa e dela teríamos arrefecido desde há muitos anos, se os nossos ideais não se casassem com os de secções consideráveis da burguesia deste país».

MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES

Sessão de Mesa de 1 de Março de 1957

Sob a presidência do Ex.º Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão, o Ex.º Provedor apresentou a seguinte proposta:

«Com o funcionamento do Dispensário Anti-Tuberculoso, deixaram de existir neste Hospital os Serviços do B. C. G., iniciados no princípio do ano de 1955, e os da Consulta-Dispensário, que principiaram em Maio do referido ano.

É do conhecimento de todos nós que os mesmos serviços estiveram a cargo dos Ex.ºs Clínicos Hospitalares Dr. José Pereira de Macedo e Dr. Júlio Soares Leite, os quais, sem qualquer interesse de ordem material, a eles se dedicaram o melhor possível, prestando assim o seu valioso concurso à acção assistencial desta Santa Casa e designadamente no que se refere à profilaxia da Tuberculose, doença que neste concelho atinge elevada percentagem.

Embora, em devido tempo, a Mesa tivesse testemunhado a Suas Ex.ºs o seu reconhecimento por terem feito, da melhor vontade, o sacrifício de prestarem, gratuitamente, os seus serviços para aquele efeito, não só do Hospital, mas também fora dele — isto, sobretudo, com referência ao B. C. G. — entendendo que, embora já um pouco tarde, não devemos deixar de lhes manifestar os nossos expressivos agradecimentos, quer em nosso nome, quer no de todos os doentes que foram atendidos nos citados serviços, actualmente integrados na assistência prestada pelo Dispensário.

Por isso — e sabendo de antemão que interpreto o pensamento da Mesa Administrativa anterior, com a qual principiaram e terminaram os serviços em referência — proponho que estas ligeiras considerações sejam transcritas na acta, não como simples cortesia protocolar, mas como um acto de justiça perante quem a essa justiça tem incontestável direito.

A Mesa aprovou por unanimidade esta proposta e deliberou que da mesma se desse conhecimento aos Ex.ºs Médicos a que diz respeito».

— Ofício da Direcção Geral da Assistência referindo-se à pretensão da Câmara Municipal que pretende adquirir o prédio de habitação que esta Misericórdia possui na Rua de S. Dâmaso, para ser demolido a fim de ser aberta a nova alameda. Com referência a este assunto, a Mesa deliberou convocar a Assembleia Geral para o dia 10 do corrente e a segunda convocação para o dia 17, às 10 horas.

— Ofício da Revista dos Hospitais Portugueses a informar de que foi criada a secção «O Nosso Hospital», facilitando assim aos diversos hospitais do País colaborar na mesma revista sobre todos os assuntos que digam respeito aos vários serviços hospitalares. A Mesa resolveu agradecer e felicitar pela iniciativa tomada.

— Ofício da Junta de Freguesia de Donim a pedir a intervenção desta Misericórdia junto da Câmara Municipal no sentido de ser ampliado o Cemitério daquela freguesia. A Mesa resolveu comunicar o assunto à Ex.ºs Câmara.

— Foi verificado o cumprimento de todos os legados.

— Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para a Instituição.

Os quadros de Goya que irão enriquecer o Museu paulista são os retratos do Cardeal Bourbon e de Monsenhor Lorenti, tendo sido oferecidos pelo deputado Loureiro e pelo industrial Antenor Galeano. Tomam eles assim lugar entre os grandes Mecenas a quem a cidade de São Paulo fica devendo o Museu de Arte.

Cooperativas Agro-Pecuárias

O exemplo da Fazenda Ribeirão, em São Paulo, está a atrair as atenções para o que poderão fazer núcleos populacionais quando devidamente orientados no sentido cooperativo. Trata-se de uma grande fazenda onde se estabeleceram muitas famílias holandesas orientadas pela Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Estão a desenvolver uma agricultura e uma pecuária leiteiras verdadeiramente modelares, servindo de exemplo e modelo a futuros empreendimentos e criando à sua volta verdadeiras escolas de agro-pecuária.

Muitos têm sido os visitantes curiosos e estudiosos no empreendimento que têm estudado os seus processos de trabalho e organização e os resultados obtidos. Agora foi Joel de Paiva Cortés, presidente do Banco de Crédito Real de Minas Gerais.

Depois da visita à organização, o banqueiro declarou ao repórter de O Jornal do Rio de Janeiro: «Ali, o imigrante, assistido pela cooperativa, explora a sua própria terra. Vê que o progresso das culturas significa o seu bem-estar, directamente. É evidente que nem todos os imigrantes podem, como os holandeses que trabalham e moram naquele núcleo, dispor dos recursos que estes imigrantes categorizados já trazem do seu país de origem. E esse facto deve estimular-nos, como brasileiros amantes do progresso nacional, a facilitar a vinda de imigrantes holandeses (ou de outras nacionalidades) capazes de nos oferecer os mesmos resultados colhidos nas terras de Holambra».

Está em estudo por parte do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico uma proposta para o governo brasileiro financiar por prazo de 10 a 15 anos, uma parte do capital que cada holandês precisa de ter para compra de maquinaria e demais utensilagem, ao chegar a Holambra. Sempre são 400 mil cruzeiros para cada família. Essa participação brasileira poderia ir até metade da soma.

Uma Revolução no meio Automobilístico

No fim do século XIX aperceberam os primeiros automóveis sobre as grandes estradas mas os seus dispositivos de suspensão proporcionaram aos passageiros um conforto precário. Estavam ainda análogos a essas carroças puxadas por animais.

Os melhoramentos apresentados depois nos sistemas de suspensão, às molas metálicas e aos amortecedores que em seguida os têm completado, estão tão morosos como imperfeitos.

Conveio aguardar a adaptação em série da suspensão óleo-pneumática às 4 rodas dos «DS 19» CITROEN, para abrir um capítulo novo na história do conforto automóvel.

Traçando acima do solo a sua invisível passagem, as coques afusadas dos «DS 19» levadas sobre as almofadas de ar, parecem suspensas sobre o solo.

Observem os leitores o «DS 19» CITROEN em todos os seus pormenores e reconhecerão, por certo, que tudo foi duramente disputado e calculado em vista de um melhor rendimento.

A óleo-pneumática — uma suspensão sem igual — adaptada ao automóvel pela primeira vez, coloca este carro na categoria de «carro de sonho».

Seria fastidioso enumerar todas as características sensoriais e as vantagens do «DS 19» CITROEN. Citaremos, apenas: tração à frente, travões de discos, embraíagem automática (sem pedal), direcção «auxiliada» (um dispositivo hidráulico dispensa todo e qualquer esforço do condutor), visibilidade total, suspensão óleo-pneumática

NOTÍCIAS DO BRASIL GUARDIZELA

Interesses de Guardizela

Acalorando uma ideia

Muita coisa está ainda por dizer, mas porque tememos que o nosso alarido — Interesses de Guardizela — caia em monotonia, finalizaremos com a presente crónica a nossa humilde campanha, da qual certamente alguma coisa se aproveitou — quando mais não fosse, pelo menos o saber-se como isto por cá corre.

Guardizela não é — sejamos franco — uma freguesia de movimento industrial e de grande comércio.

E um meio mais ou menos rural — agrário —, onde o lavrador vai, no seu dia-a-dia, tirando da terra o próprio sustento de que vive. Mas nem por ser uma terra algo rústica — a qual não seria muito difícil *Pasco de Ornelas, o Morgado da Torre*, reconhecer se cá voltasse de novo, tal é o empecido desenvolvimento, colectivo e particular, que aqui se verifica — nem por ser uma terra algo rústica, dizíamos, deve ser posta à margem da evolução do século XX.

É certo que já temos umas Escolas do Plano dos Centenários, o que é já muito importante, mas isso não basta. Quando estreiamos um facto é preciso também um par de sapatos, de resto, bem sabemos que «quanto mais se faz mais é preciso fazer», quer dizer: construiram-se as escolas e muitas crianças não têm ainda por onde irem para elas sem graves riscos de tropeçarem e molharem os pés — e isto é também muito importante.

Mas não foi para chegarmos a estes argumentos que iniciamos esta crónica.

Sejamos breve e não estejamos com rodeios.

Desconhecemos absolutamente a origem da ideia, que vamos acalorar, da abertura duma nova artéria da igreja paroquial à estrada (Regalo, Guardizela — Entroncamento, Lordelo), lado esquerdo das escolas. Mas tenha ela partido de onde tiver, a verdade é que foi uma ideia feliz, muito acertada — genial.

A igreja de Guardizela não tem uma rua que a sirva condignamente. Até a estrada principal — a única que em melhores ou piores condições existe (!) — está deplorável.

Mas vejamos, ilusoriamente, o que seria tão vantajoso melhoramento, de abertura duma nova rua da nossa igreja à dita estrada.

Punhamo-nos na tal estrada, a uns 200 metros para a esquerda das escolas — víremo-nos para a igreja paroquial de Guardizela, que fica a uma diminuta distância — imaginemos agora que fica ali uma rua larga e muito bem alinhada, ao lado direito da qual, lá em cima está também já feitinha de pedra e cal a nova residência paroquial, e que nos leva à igreja que fica mesmo em frente dessa rua viradinha para nós como que a dizer-nos «vinde». O que é que nos parece então a casa de Deus, caro leitor? — Um autêntico Santuário lá em cima.

Agora — se tem automóvel e se vai nele à missa — imagine que economizou ao seu carro, que lhe ficou tão caro, mais de dois quilómetros que teria de andar e faça uma conclusão.

Não há dúvida — e é que não há mesmo — de que embora a ideia que agora ventilamos tenha já nascido, a verdade é que não passou do embrião e o caso não foi ainda suficientemente estudado; pois que ele, só por si, reclama justiça.

A rua seria rasgada por o passar, que fica em frente do frontispício da igreja, campos abaixo, e eis que teríamos uma obra, como por encanto de fadas, que mais se diria ser o caminho para o Céu — que em parte o seria mesmo. Estamos certo de que os donos

dos respectivos terrenos não deixariam de colaborar, de boa mente, nesta tão simpática e prestimosa realização e Guardizela ficaria, só por isso, valorizada — sei lá — talvez cem por cento.

Gostáramos de poder frisar melhor a grande vantagem de tão magnífico empreendimento, mas o nosso dom (qual dom?) deve ser enjovativo e o espaço fogo-nos e por isso por aqui nos ficamos, deixando a sequência do nosso alvitre a quem dela se queira utilizar — e tanto nos vale que tais possíveis comentários sejam postos em evidência em linguagem revista ou despida de riqueza — tudo o que a propósito os guardizelenses nos quiserem transmitir, e basta para isso assinarem-se com um simples pseudónimo, não nos ocultando o seu nome, está claro, aqui será gravado em letra de forma.

Gesto que vale a pena realçar

Num gesto de verdadeiro hair-ismo, a fábrica de Oliveira Ferreira & C.ª, Ltd., de Riba d'Ave, ofereceu, ao Centro de Recreio Popular da mesma freguesia, um subsídio de 6.000\$00 e inscreveu-se ainda com uma quota mensal de 500\$00.

A mesma firma, que muito se tem interessado pelo progresso desta tão simpática agremiação, vai construir um pequeno Parque de Jogos, nos seus terrenos, junto às Escolas, no qual se poderão praticar o basquetebol, o andebol e outras modalidades desportivas. Posivelmente, incluirá, também, um Rink de patinagem.

É este um grande passo para o rejuvenescimento do C. R. P. de Riba d'Ave, o qual, por mercê de circunstâncias diversas, se encontrava até então, muito economicamente débil e em vias de abandono.

Já anteriormente outra firma local havia feito a mesma coisa.

Seria dum grande alcance instrutivo e recreativo que todas as firmas onde haja C. R. P. ajudassem as suas colectividades.

Parabéns, pois, à aludida fábrica.

Correio de graça

Um leitor, *Guardizela* — Já indagamos, e nada se pode conseguir por falta de factos.

Julgamos o contrário, mas aquilo que por si nos foi apresentado, a avaliar pela indagação que fizemos, é muito obscuro.

Se tiver facilidade em apresentar-nos testemunhas, o seu caso será aqui tratado, aliás dámo-lo por arrumado.

Só accidentalmente o tal homem, que de nada se recorda, segundo nos afirmou, teria passado por aí.

Correia, Guardizela — O sentido dos versos é magnífico, para nós, mas só com uma grande volta na letra se podem tornar publicáveis.

Gostáramos, no entanto, para lhes darmos o despacho que merecem, de ver o respectivo original, isto é: a letra saída do próprio punho da autora.

Desculpe, mas tem de ser assim.

Vasco Machado, Guardizela — Como o seu jornal foi, segundo a sua vontade, enviado para Guardizela e o Senhor pertence ainda, infelizmente, ao número dos que não gozam a regalia do correio ao domicílio, apesar da sua aldeia ser muito populosa, lembráramos-lhe a vantagem de o requerer para outra parte que mais lhe convenha, bastando para tanto que nos dê uma indicação.

Manuel da Silva Martins, Correspondente em Covas — Agradecemos a elucidação. Ao dispor.

Sermão em honra de Santa Filomena

Hoje, na igreja paroquial desta freguesia haverá, pelas 3 e meia da tarde, um sermão em honra de Santa Filomena, a Milagrosa.

Tribuna dos nossos Assinantes

Inscreevou-se como assinante deste jornal, o Sr. Vasco Machado, pessoa grada do meio social de Guardizela.

Ao novo assinante o nosso agradecimento.

Aniversário

Completa na próxima quarta-feira as suas seis risonhas primaveras o simpático e interessante menino António Casimiro, filhinho estremeado do nosso bom amigo Sr. Adelinho José Ribeiro, membro da Junta desta freguesia, e da Sr.ª D. Maria Augusta Salgado Lobo Ribeiro.

Um abraço ao Toninho.

Cartaz

O teatro Narciso Ferreira, de Riba d'Ave, apresenta hoje, às 15 e às 21 horas, uma sensacional reposição, glória da Sétima Arte: *Rebecca*.

Uma história como o cinema jamais produziu, que arrebatada da primeira à última cena.

Sábado e domingo: *A Bela Otero*.

O funeral do Dr. José Pinto Rodrigues



Um aspecto do enterro na altura em que o corpo do nosso inolvidável amigo, aos ombros dos antigos atletas do Vitória, deixava finalmente a casa onde viveu, para ir a sepultar na Atouguia.

Continuação
-VIMARANE, tendo dirigido e com invulgar apuro durante longo tempo, o jornal que, com esse mesmo título, o aguerrido grupo fundou. E foi nesse jornal, e mais tarde, desde 1932, no *Notícias de Guimarães*, que o Dr. José Pinto Rodrigues agitou problemas de interesse público e alimentou campanhas que mereceram sempre o geral apoio da opinião pública e até das Autoridades.

Ao Vitória Sport Clube, de que foi por vezes presidente da direcção e da Assembleia Geral, prestou o Dr. José Pinto Rodrigues relevantes serviços, o que deu motivo a que, muito justamente, tivesse sido elevado à categoria de seu Sócio Honorário. Presentemente e desde há muito pertencendo ao Conselho Jurisdiccional da Federação Portuguesa de Futebol, onde a sua voz era sempre escutada com o maior interesse e acatamento. Fez parte também, em tempos, dos Corpos Gerentes da Associação de Futebol de Braga e foi, há anos professor provisório do nosso Liceu.

O funeral do pranteado Vimaraneense

Logo que a notícia do triste acontecimento foi conhecida na cidade, e bem depressa ela se espalhou, acorreram a casa do extinto inúmeras pessoas de todas as camadas sociais a inscreverem-se nas listas de pés-mes e a apresentarem à família as suas condolências. Algumas corporações, nomeadamente o Vitória, os Bombeiros, o Desportivo Francês de Holanda, o Sindicato da Indústria Têxtil, etc., colocaram as bandeiras a meia haste.

De vários pontos do país, a família começou então a receber telegramas e telefonemas, de muitas pessoas que desse modo quiseram associar-se ao seu enorme desgosto, contando-se por muitas centenas o número de telegramas recebidos.

Durante a noite de terça-feira estiveram a velar o cadáver as Direcções dos Bombeiros Voluntários, do Vitória Sport Clube, do Rotary Clube de Guimarães, assim como advogados e numerosos outros amigos do finado, e os Directores e colaboradores do «Notícias de Guimarães».

O funeral efectuou-se na quarta-feira de manhã, da residência, à rua Gravador Molariño, para o Cemitério Municipal, tendo constituído uma invulgar e bem significativa manifestação de saudade. No préstito fúnebre tomaram parte alguns milhares de pessoas de todas as posições, desde o modesto operário ao alto Magistrado; advogados, médicos, oficiais do exército, professores funcionários públicos, industriais, comerciantes, estudantes, muitas senhoras, etc.

O cadáver, encerrado em luxuosa urna de mogno e coberto com a bandeira do Vitória, foi retirado da câmara ardente aos ombros de antigos e actuais atletas do Vitória, que o conduziram pelas ruas de Gravador Molariño e da Rainha, Largo do Toural e rua de Paio Galvão, até ao lugar do Proposto, onde foi colocado num prático socorro dos B. Voluntários, que dali o transportou ao cemitério municipal. Precedendo o féretro seguia uma viatura dos bombeiros com coroas e bouquês e ramos de flores naturais com sentidas dedicatórias da família, dos Advogados das comarcas de Guimarães e Braga, do Director do «Notícias de Guimarães», dos membros do Rotary Clube de Guimarães, de alguns amigos dedicados, etc., etc.

sentava o Comandante da Corporação.

Seguíam logo após o caixão o irmão e cunhados do extinto, os srs. Presidente da Câmara Municipal, Comandante da P. S. P., Juizes e Delegados da Comarca de Guimarães, representantes da Federação P. de Futebol, da Associação de Futebol de Braga e do Vitória Sport Clube, seguindo-se muitas centenas de pessoas, numa impressionante manifestação de pesar que atravessou a cidade, por entre alas de pessoas que assistiram respeitosamente ao desfile, enquanto que o comércio, numa homenagem digna de registo, conservava encerradas as suas portas.

Quando o préstito chegou ao Alto de Atouguia, eram quase 12 horas, já ali se encontravam bastantes pessoas, tanto de Guimarães como de fora, que aguardavam o cadáver. Com bastante sacrifício foi possível organizar, de entre a numerosa assistência, três únicos turnos, pegando às borlas do caixão os srs. Major Miguel Ferreira, Dr. Alexandre de Freitas Ribeiro, Dr. Mariano Felgueiras, Dr. Lino Lima, Dr. Malvar, Tenente José Campos de Carvalho, Dr. Juiz Carlos Maria Afonso de Castro, Dr. Juiz Francisco Mendes Barata dos Santos; Dr. Delegado João Arantes Rodrigues, Dr. Delegado António Fidalgo Matos, Dr. Eduardo de Almeida, Dr. José J. de Oliveira Bastos, Dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da C. Municipal; Tenente Arlindo A. Poças Falcão, Comandante da P. S. P.; Dr. Jaime Carvalho Lemos, representante da F. P. de Futebol; Dr. Carlos Saraiva, Presidente da Junta de Turismo; Dr. João A. Mota Prego de Faria, Presidente do Vitória Sport Clube; e Carlos Salazar, representante da Associação de Futebol de Braga.

Representações no funeral

Representava a Ordem dos Advogados o sr. dr. António de Oliveira Braga; a Câmara Municipal, estava representada pelo seu Presidente; a Federação Portuguesa de Futebol, pelo sr. dr. Jaime de Lemos; os srs. Heitor Campos e Luis Coelho, Agentes do Banco de Portugal em Braga, estavam representados pelo sr. Anibal Dias Pereira; o nosso ilustre Colaborador sr. Prof. Mário Meneses, Provedor da Misericórdia, fez-se representar pelo Escultor sr. António de Azevedo; o sr. dr. António Carlos Lima, pelo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães; o sr. dr. Manuel Antunes Moreira, pelo sr. Fernando António Moreira; o sr. José Jacinto Junior, por seu filho sr. José Jacinto de Carvalho; o sr. Artur Manuel Santoalha, pelo sr. dr. João Mota Prego de Faria; o Vitória Sport Clube e o Rotary Clube de Guimarães, pelas suas Direcções; a Comissão Prò Casa da Marcha, pelos srs. António Fonseca Ferreira e António Gonçalves de Castro; o sr. José Oliveira, pelo sr. José da Silva Palmeira; o sr. Angelo de Sousa e Silva Madureira, pelo sr. José António de M. Guimarães; o sr. Manuel Pereira Mendes, por seu filho sr. Joaquim M. Pereira Mendes; o sr. dr. Armando Baccelar, pelo sr. dr. Lino Lima; o nosso Camarada sr. A. Garibaldi, pelo sr. dr. Mariano Felgueiras; etc., etc.

Um donativo para os pobres, em sufrágio da alma do dr. José Rodrigues

O sr. dr. Jaime Carvalho de Lemos fez-nos entrega da importância de 30000, sendo 20000 em nome da Federação Portuguesa de Futebol, e 10000 em seu nome pessoal, destinada aos pobres, em sufrágio da alma do dr. José Rodrigues e em substituição de flores. Contemplámos alguns pobres,

como vai mencionado na respectiva secção de «Benficiência».

Homenagem no Rotary Clube

Na reunião de Rotary Clube de 4.ª-feira passada, a figura do dr. José Pinto Rodrigues foi evocada, em breves mas saudosas palavras, pelos srs. Eng.º Helder Rocha, Eng.º Santos Pardar e dr. António de Oliveira Braga, tendo todos os presentes guardado um minuto de silêncio em homenagem à sua memória.

Foi ainda deliberado que uma breve reunião do Clube seja consagrada à memória do inolvidável vimaraneense.

O «Notícias de Guimarães» esteve representado em todos os actos fúnebres, por diversos Colaboradores e pelo seu Director, que dirigiu o funeral e nele repreendeu os nossos ilustres Colaboradores srs. Joaquim Novais Teixeira, que nesse sentido lhe telegrafou de Paris na manhã de terça-feira, e Delfim de Guimarães, assim como o nosso querido Amigo sr. Leandro Martins Ribeiro, ausente em Lourenço Marques.

A toda a família atingida por tão rude golpe, que também e profundamente nos chocou, renovamos a expressão sincera e sentida do nosso grande pesar.

BENEFICÊNCIA DO «NOTÍCIAS»

Transporte 600\$00
Recebemos do sr. dr. Jaime de Lemos, conforme notificamos noutra lugar, em seu nome e no da Federação Portuguesa de Futebol, à memória do saudoso amigo dr. José Pinto Rodrigues 300\$00
A transportar 900\$00

Contemplámos, conforme o desejo que nos foi manifestado, famílias envergonhadas, cegos, aleijados e velhos — entre eles alguns pobres que eram do conhecimento do pranteado morto.

Vida Rotária

A reunião de 4.ª-feira do Rotary Clube de Guimarães, que foi nesse dia em conjunto com o Rotary Clube de Braga, cnjos membros se deslocaram, propostadamente e na sua quase totalidade, a esta cidade, presidiu o sr. Albano M. Coelho de Lima, tendo procedido à habitual saudação à bandeira Nacional e Presidente do Clube visitante sr. António Gomes Conzalez.

O Presidente saudou os companheiros do Clube vizinho, fazendo breves considerações sobre aquela visita, apresentando em seguida cumprimentos aos convidados de ambos os clubes. Seguidamente o secretário, eng.º Helder Rocha, usando da palavra, e após os cumprimentos aos companheiros e aos convidados, referiu-se com profunda saudade à inesperada morte do dr. José Pinto Rodrigues, propondo que à sua memória seja dedicada oportunamente uma sessão e que se guardasse, naquela altura, um minuto de silêncio, o que se fez respeitosamente.

O Secretário fez seguidamente a leitura do expediente, do qual constavam numerosas cartas de clubes ingleses, a agradecerem a Mensagem que o Rotary Clube de Guimarães a todos endereçou a quando da recente visita da Rainha Isabel II ao nosso país, e uma carta do sr. Embaixador de S. M. Britânica dizendo que recebeu ordem da Soberana para agradecer ao presidente e por seu intermédio aos

sócios do Rotary Clube de Guimarães, a amável Mensagem de Saudações.

Foram tratados assuntos diversos, tendo o secretário do Clube de Braga, sr. Joaquim Cruz, procedido também à leitura do expediente.

Apresentaram actualidades os srs. José Abílio Gouveia e Joaquim Cruz, tendo usado da palavra para agradecer o acolhimento e retribuir os seus cumprimentos, o presidente do Clube bracarense.

A palestra regulamentar intitulada «A morte no Kalahary» foi seguidamente proferida pelo sr. eng.º Santos Pardar, do clube visitante, que depois de referir-se à morte do prestimoso vimaraneense sr. dr. José Pinto Rodrigues e de prestar à sua memória a sua homenagem, preferiu um interessantíssimo relato da vida dos indígenas, sendo escutado com o mais vivo interesse por todos, que no final o felicitaram e aplaudiram.

O comentário da reunião foi feito pelo sr. dr. António de Oliveira Braga.

O orador referiu-se a Guimarães com a simpatia de sempre e, como colega, e como amigo do saudoso dr. José Pinto Rodrigues traçou, a seguir, o perfil moral dessa extraordinária figura que havia poucas horas tinha ido, a enterrar. Homem bondoso, pessoa de bem, advogado e literato distinto, ele foi — disse — sobretudo, uma alma lavada. Tem dele como colega e como amigo recordações inolvidáveis. Ali deixava as breves palavras de profunda saudade por aquele que foi, verdadeiramente, espírito rotário.

E concluiu: Nós, os de Guimarães, juntamo-nos a vós, os de Guimarães, nesta amargurada hora que sentir.

O sr. dr. Oliveira Braga fez depois referência à atitude do clube de Guimarães, de tão alta importância, por altura da visita da Rainha II ao nosso país, dizendo que assim prestou a Rotary um altíssimo serviço.

E concluiu as suas considerações por referir-se ao admirável trabalho do eng.º Santos Pardar, sobre a vida dos indígenas, no qual mostrou mais uma vez o seu poder de imaginação, apresentando uma exposição de fino recorte literário.

Procedeu-se ainda à que habitual que rendeu 266\$70, tendo o presidente encerrado depois a reunião, com palavras de agradecimento para todos, congratulando-se pela forma como os trabalhos decorreram.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 16, *mademoiselle* Maria Angelo Pinto de Faria; no dia 18, os nossos amigos srs. António Alberto Freitas Ribeiro Martins da Costa, António Alves Machado, António Machado e a sr.ª D. Maria Augusta Pereira Mendes; no dia 19, a sr.ª D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro; *mademoiselle* Maria José Martins Ribeiro, filha do nosso prezado amigo sr. Casimiro Ribeiro, de Gondar; o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. António Pimenta e a sr.ª D. Maria Elsa de Campos Sousa Guise Cruz, esposa do nosso bom amigo sr. dr. António Mota Rebelo da Cruz; no dia 20, o nosso prezado amigo e distinto publicista sr. Alberto Vieira Braga; no dia 21, a menina Maria Manuela, filhinha do nosso prezado amigo sr. dr. José da Conceição Gonçalves; no dia 22, o menino João Pedro Rodrigues Guimarães, afilhado do nosso bom amigo sr. João Fernandes e os nossos bons amigos srs. Albertino Faria Martins, do Pevídém e Herculano José Fernandes; no dia 23, a sr.ª D. Maria Margarida I. Teixeira Rua de Sousa, esposa do nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa, residentes em Viseu; no dia 24, os nossos prezados amigos srs. Francisco Laranjeiro dos Reis e A. Mário dos Santos Martins, conceituado comerciante no Porto e a sr.ª D. Maria Emilia Cardoso Dias de Castro Freitas, ausente em África.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 16, completou 7 risonhas primaveras a interessante menina Maria João, filhinha do nosso bom amigo sr. João de Almeida Garcia e de sua esposa a sr.ª D. Maria José Berbedo Garcia. Muitos parabéns.

No dia 22, completa uma risonha primavera, a menina Maria Madalena, filhinha da sr.ª D. Maria Fernanda Ribeiro Faria Martins e do sr. Albertino Faria Martins. Muitos parabéns.

Nascimento

Deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso bom amigo sr. António Manuel Ribeiro Braga. Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Com sua esposa esteve no domingo nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. eng.º Agrônomo José Clemente Sanches Dias Pereira.

Também esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo, residente em Lisboa, sr. Joaquim Alberto César.

Tem estado nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Capitão José Maria P. L. de Magalhães Couto, Deputado à Assembleia Nacional, que tivemos o prazer de cumprimentar.

Deu-nos há dias o prazer de seus cumprimentos o nosso prezado amigo sr. prof. Eurico Tomaz de Lima.

Esteve em Lisboa de onde já regressou o nosso prezado amigo sr. eng.º Alberto Costa.

Cumprimentamos nesta cidade os nossos prezados amigos srs. José Mendes Ribeiro Júnior, residente na Foz; Francisco Lage Jordão, residente no Porto; José Soares Moreira Guimarães, idem; dr. António de Oliveira Braga, de Braga e Domingos Ribeiro, nosso estimado colaborador, residente em Braga, que vieram propositadamente assistir ao funeral do nosso saudoso Colaborador e Amigo sr. dr. José Pinto Rodrigues.

Também cumprimentamos nesta cidade os nossos bons amigos srs. Francisco da Silva Martinho e José da Silva Martinho, das Taipas.

Doentes

No Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, foi antontem submetida a uma intervenção cirúrgica a sr.ª D. Maria da Conceição de Castro Ferreira Miranda, esposa do nosso prezado amigo sr. António Cândido Carvalho de Miranda. A operação decorreu bem.

Há já bastantes semanas encontra-se em tratamento em quarto particular do Hospital da Misericórdia, a esposa do nosso prezado amigo sr. José Filipe Pereira da Quinta e Costa, funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

Em consequência de uma queda sofreu fractura de uma perna a sr.ª D. Zulmira Paredes, esposa do nosso bom amigo sr. José da Cunha Paredes.

Continua doente o nosso bom amigo rev. P.º António Salvador Ramos.

Vai melhorando dos seus incómodos o nosso prezado amigo sr. Amadeu C. Penafort. Desejamos obrevemente o restabelecimento de todos os doentes.

Vida Católica

Domingo 2.º da Quaresma, Missa própria sem Glória, Credo.

Paramentos de cor roxa.

Primeira Comunhão

Com bastante solenidade fizeram ontem a sua primeira comunhão, no Santuário de S. Torcato, a interessante menina Maria Adelaide e o menino Alberto Carlos, filhinhos da sr.ª D. Maria Amélia Dias de Castro Fernandes dos Santos e do sr. dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Meretíssimo Juiz de Direito na Comarca da Póvoa de Lanhoso.

Foi celebrante o rev. P.º António José Dias, da Póvoa de Lanhoso, que proferiu uma brilhante alocução.

Assistiram ao acto diversas pessoas de família dos pais dos interessantes meninos.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

GAZETILHA

Velhas Sentenças...

— «Não te rias do vizinho, que o teu mal vem p'lo caminho», diz um antigo ditado, muitas vezes acertado...

E que, «no tempo dos figos, não se conhecem amigos», reza outro velho rifão, também com certa razão...

Porque decorreu tal-qual, não deu motivo a paleio: pois o «menu» foi igual, no tempêro... e no recheio...

Mas o que ninguém diria é que, na arca da Amorosa, tinha ficado a fatia, inteirinha, e apetitosa...

E, por certo, bem sabeis, e no confronto não brinco: — que lhes não deram «o 6», mas já levaram... o «cinco»!...

Origão.

«Notícias de Arouca»

Começou a publicar-se em Arouca, este novo colega, de que é directora a sr.ª D. Maria Alice Oliveira Lusitano Gonçalves.

Agradecendo a visita, fazemos votos pelas suas maiores prosperidades.

CASA LUCIANO COSTA
Chá e Café -- Mercaria
Um bom estabelecimento no género.
Visitem esta casa.
Largo 28 de Maio, 51 (Frente ao Jardim Público).
Telefone P. F. 4229
GUIMARAES (158)

Ofertas e Procuras

Vende-se Nora para tirar água a 9 metros. Som canecos. Falar na rua de c. Dâmaso, 135 = Guimarães. 120

Achou-se Um objecto de ouro. Informa esta redacção. 142

Empregado de Escritório Oferece-se com o curso de guarda-livros, para serviços internos, carta ao próprio: António da Costa Canela — Quinta das Póldas — Carvoeira — Santo Tirso. 145

CASA VENDE-SE. De 2 andares, na entrada da Rua da Arcela. Informa na Rua da Rainha, 56 R/Chão. Telefone, 4457. 145

FARGÂS
O único fogão a Gascidla de grande rendimento calorífero e mínimo consumo.
Agentes no Concelho:
REINALDO & GUISE, L.da (Junto ao B. N. U.)
Guimarães

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»
Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS
Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

BOBINAGENS
J. MONTENEGRO TEL. 4510 Guimarães

DESPORTO

A morte de um grande Amigo do Desporto

Outros, neste mesmo jornal e bem melhor do que nós, traçarão o perfil desse admirável Homem que foi, em vida, o dr. José Pinto Rodrigues. Mencionarão, sem dúvida alguma, as suas excepcionais qualidades de carácter, de bom coração, de orador nato, de inteligência brilhante, de político puro, de advogado distinto, de grande vimaranense, enfim.

Nós, porém, queremos, aqui, recordá-lo como activo Dirigente desportivo, de tal modo brilhante, que atingiu, no Futebol nacional, os mais altos cargos, desempenhando-os com um apurmo, um zelo e uma sabedoria, das quais ficará sempre a mais saudosa memória.

O dr. José Pinto Rodrigues, amante de tudo que dizia respeito ao engrandecimento da sua terra natal, não podia deixar de se interessar também pela sua agremiação desportiva de maior projecção, o Vitória Sport Clube.

Ouvimo-lo muitas vezes, com o maior prazer e em admiráveis sínteses de descrição, contar a maneira como, um dia, apareceu Presidente do Clube, bem como as consequências resultantes da sua eleição. Mais ou menos foi o seguinte:

— O Vitória, inaugurado o «velho» Benlhevai, tomou uma projecção, para a qual os seus dirigentes de então, não eram suficientemente os mais indicados. Daí resultou um certo movimento de agrado e desgosto para com eles, que levou à realização duma Assembleia Geral que se previa agitada. Então alguém lembrou-se do dr. José Pinto Rodrigues que, na altura, nem associado era da colectividade, para intervir na mesma, com a fluência da sua palavra, de modo a que, da sua intervenção, resultasse para o Clube o início duma caminhada, que é gloriosa como hoje a conhecemos. E assim aconteceu de facto — o dr. José Pinto Rodrigues assistiu à referida Assembleia e, no momento em que entendeu oportuno, pediu a palavra e dirigiu-se aos presentes com aquele elevado sentido que todos os vimaranenses lhe conheceram, de tal modo que, dentro de instantes, era senhor dos destinos dos trabalhos e, afirmando o desejo de querer ser associado da agremiação, prontificou-se a assumir a presidência do Clube, com um conjunto de elementos por ele escolhidos, e ainda com a promessa formal de que levaria o Vitória a campeão de futebol da sua região.

A força do destino confirmou a promessa do distinto vimaranense e o Vitória veio a alcançar, pouco tempo depois, o seu primeiro título da Associação de Futebol de Braga.

Durante anos e consecutivamente o dr. José Pinto Rodrigues comandou os destinos do seu Clube. Glórias e glórias engrandeceram a colectividade e os outros dirigentes, que se lhe seguiram, tiveram sempre o seu apoio em todas as emergências. Do Vitória passou a vice-presidente da Direcção da A. F. Braga; deste lugar da Direcção foi investido na presidência do Conselho Jurisdicional do mesmo Organismo, e deste passou a fazer parte do Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Futebol, lugar que ocupava agora, na altura da sua morte.

Carreira de dirigente desportivo altamente honrosa, ligada, das mais diversas formas, aos feitos mais elevados do futebol vimaranense e do da própria região.

Quantos acontecimentos não ocorrem na nossa memória, neste momento em que evocamos a sua figura, que foram instantes de júbilo alto para a nossa terra de Guimarães?

O primeiro Campeonato Regional, com aquela inesquecível manifestação do povo da cidade e a sua voz vibrante, de orador de eleição, ouvida das varandas do Toural, perante o entusiasmo louco da população!

A solução dos mais intrincados problemas do Clube, resolvidos com a sua valiosa intervenção, em importantes Assembleias Gerais! As suas admiráveis orações, nas Festas do Clube, onde nunca deixava de pugnar, com os mais exactos argumentos, pela sempre desejada obra do «Estádio Municipal»!

O ingresso na I Divisão, a presença na «final» da Taça de Portugal, os triunfos admiráveis sobre os «grandes» do Futebol português — tudo, enfim, que é a história do Vitória!

O dr. José Pinto Rodrigues é Homem que ficou bem ligado à história do Desporto da nossa terra. Não valerá a pena recordar mais factos da sua vida ligados com o Desporto, porque a saudade da sua memória, nunca mais o deixará esquecer, prendendo-o sempre a todos nós, a tudo que o Vitória fizer no futuro, pois foi com a sua obra que se alicerçou a colectividade gloriosa que é o verdadeiro orgulho de Guimarães.

O dr. José Pinto Rodrigues não deu ao Clube bens materiais, que os não possuía, mas legou-lhe os espirituais, que são a sua própria alma, alma bem forte, capaz de cada vez o tornar maior, mais pujante, eterno, como eterna é a lembrança da sua personalidade. Que descanse em paz, porque bem o merece!

UM DE NÓS.

A Maratona do Futebol Nacional

(FASE FINAL)

Vitória, 5 — Braga, 0

A outra face da mesma medalha

Quando do anterior encontro, jogado entre bracarenses e vimaranenses, demos a opinião de que somente as contingências do jogo é que permitiram o volume do resultado demasiadamente favorável à equipa da cidade dos arcebispos. Mal sabíamos nós e mal o esperava também o público que, mês e meio depois, os números apareceram ao contrário e quase por razões análogas às ocorridas então. De facto, como no encontro anterior, houve a lesão de um jogador bracarense (no primeiro foi a de um vimaranense) e o resultado somente se avolumou quando o final do jogo se aproximava.

De tudo isto se tem de concluir que juízos precipitados são sempre motivo de rectificações futuras. Afinal tem de se concluir que não havia mais talento, nem jogavam melhor, portanto, com a certeza de vencer, os bracarenses. Em nossa opinião são duas equipas iguais,

de valor sensivelmente análogo, e assim, capazes de ganharem ora uma ora outra, nos encontros que disputam entre si.

Sómente temos a acrescentar que, entre as duas equipas, uma diferença encontramos — o modo de *saber perder*. Enquanto, no primeiro jogo, após o seu resultado estrondoso, os bracarenses deram livremente, dentro do campo da Amorosa e fora dele, expansão ao seu regozijo pelo triunfo obtido, de tal modo que conduziram aos ombros o seu próprio técnico, agora os vimaranenses não puderam, do mesmo modo, sossegadamente, saborear uma bebida num Café de Braga...

Fica assim na história das duas colectividades um contraste evidente com dois resultados, obtidos no curto prazo de cerca de dois meses, que é mais um estimulante para a continuidade duma velha rivalidade, que é necessária quando bem compreendida.

O jogo em si foi verdadeiramente um encontro de campeonato. Esforço abnegado por parte dos jogadores do Vitória, que conduziram a marcha do encontro, permanentemente, desde o seu início até final. Não se pode afirmar que houve primores técnicos, mas houve, sem merecer controvérsia, planificação táctica capaz de proporcionar o resultado que no final se encontrou. Não sabemos nós porém totalmente se foi o Sporting de Braga que veio a Guimarães com táctica defensiva ou se foi o Vitória que lhe a impôs em consequência do seu sistema de *verdadeiro cilindro*.

E' que no outro encontro anteriormente disputado, houve ainda períodos em que o equilíbrio foi evidente entre os dois contendores, mas neste, que hoje estamos a comentar, não se descortina, em qualquer instante, evidência por parte da equipa de Braga.

Os jogadores vimaranenses constituíram verdadeiramente um autêntico bloco. Todos renderam igualmente para o triunfo obtido. Não haveria, portanto, nomes a evidenciar, se não quiséssemos fazer uma referência àquela brilhante parada de Lobato, que praticamente evitou o único golo que o Sporting de Braga teve oportunidade de obter.

Ficha do jogo — Vitória: Lobato, Virgílio e Daniel; Cesário, Silveira e Auleta; Bártolo, Barros, Ernesto, Luterio e Rola. Braga: Faria, Antunes e José Maria II; Passos, José Maria I e Calheiros; Baptista, Ferreirinha, Velez, J. Mendonça e Armando. Arbitro: Alvaro Rodrigues, de Coimbra.

O primeiro golo, foi obtido por Barros, num pontapé longo, ainda no primeiro tempo, e os restantes quatro, na segunda parte, foram de autoria de Ernesto (2), Bártolo e Rola.

Resultados gerais da jornada: Vitória, 5-Braga, 0; Farense, 3-Coruchense, 3, e Montijo, 3-Salgueiros, 1.

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Vitória-Montijo; Salgueiros-Farense, e Coruchense-Braga.

Os vimaranenses recebem, pela primeira vez, uma equipa da Zona Sul. Só a curiosidade em conhecer o valor dos visitantes é razão suficiente para o encontro despertar interesse. Porém, o jogo em si, é mais um encontro de campeonato sempre difícil e que deve ser encarado de maneira a permitir o triunfo que é necessário para o alcance de tudo que se quer. Compete aos jogadores o maior dos esforços e compete também ao público o maior apoio que é sempre força capaz de ajudar à conquista dos resultados que se desejam.

L. R.

Conselho Geral do Vitória

Está marcada para a próxima quarta-feira, uma reunião deste Organismo Consultivo do Clube, que se nos apresenta da mais alta importância.

Como é do conhecimento de todos os associados e, duma maneira especial, dos Membros do Conselho Geral, o sr. Eng. Alberto Costa prontificou-se a aceitar a presidência da Direcção do Clube, desde que pelo Conselho lhe fossem garantidas certas condições que tinha como fundamentais.

E' do conhecimento geral a satisfação que esta notícia causou, como ficou testemunhado pelos aplausos que colheu na última Assembleia Geral, e, por isso, nos parece que na reunião do próximo dia 20, com a presença de elevado número de conselheiros, tudo se resolverá a contento e de modo a solucionar o problema de sempre, que é a constituição do elenco dirigente do Clube.

CASA Vende-se, composta de rés-do-chão e 1.º andar com 6 divisões e grande quintal, na Rua Capitão Alfredo Guimarães. Para tratar — Rua da Caldeira, 29.

Notícias de Guimarães n.º 1316--17-3-1957



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo 1.º Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de seis meses, contados da segunda publicação deste anúncio, citando D. CLEMENTINA GONÇALVES DA SILVA PONTES e marido AGOSTINHO GONÇALVES MENDES, proprietários, com última residência conhecida na rua 5 de Outubro, freguesia de Oliveira, desta cidade, e agora ausentes em parte incerta, para no prazo de vinte dias, posterior àquele dos éditos, impugnarem, na acção especial de curadoria definitiva dos seus bens, requerida por D. Januária Augusta Barbosa Pontes, solteira, proprietária; e D. Maria de Oliveira Barbosa Pontes e marido Américo da Costa Gouveia Ramos, ele funcionário Público e ambos proprietários, todos desta cidade, a sua alegada ausência em parte incerta.

No mesmo processo são citados por éditos de trinta dias, igualmente contados da segunda publicação deste, os interessados incertos para no prazo de vinte dias, depois de decorrido o dos éditos, impugnarem a ausência daqueles D. Clementina Gonçalves da Silva Pontes e marido, ou deduzirem o direito que tiverem em concorrência ou de preferência ao dos ditos autores,

Guimarães, 2 de Março de 1957.
O Chefe da 2.ª Secção,
Maurício da Ponte Machado.
Verifiquei.
O Juiz de Direito do 1.º Juízo, 153
Carlos Maria Afonso de Castro.

“STRIM,”
O Gomado permanente
Indispensável na Indústria e às boas donas de casa
Agentes no Concelho:
REINALDO & GUISE, L.da.
Guimarães

“STRIM,”
O Gomado permanente
Indispensável na Indústria e às boas donas de casa
Agentes no Concelho:
REINALDO & GUISE, L.da.
Guimarães

Sindicato Nar. dos Op. da Indústria Têxtil do Distrito de Braga
Sede em Guimarães

Assembleia Geral CONVITE

De harmonia com as disposições estatutárias, tenho a honra de convidar os Senhores associados, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, a reunirem-se em Assembleia Geral, no próximo dia 14 de Abril, pelas nove horas, na Sede Social deste Organismo Corporativo, sita à Praça de S. Tiago, n.º 34, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:
Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1957 a 1959.

Se à hora acima indicada não comparecer número legal de associados, esta Assembleia funcionará legalmente uma hora depois com qualquer número.

Guimarães, 11 de Março de 1957.

O Presidente da Assembleia Geral, 140

a) **José Firmino de Faria.**

N. B. — Os sócios devem fazer-se acompanhar dos cartões sindicais devidamente legalizados.

ÓPTICA MÉDICA

Aros em doublé (ouro) e celuloide. Lentes brancas, de cor e bifocais. Oculos de sol e vidros. Termómetros, Lupas, Conta-fios. AGÊNCIA OFICIAL DAS LENTES ZEISS.

Exclusivo da venda dos aros e lente BAUSCH & LOMB (ORTHOREX e RAY-BAN)

RIGOROSO AVIAMENTO DE TODO O RECEITUÁRIO MÉDICO

Óptica de Guimarães

Telefone, 4552 Rua de Santo António, 80

No caminho da fama, prosseguindo...

BRASILEIRA

MALHAS RAFE

Avenida Conde de Margaride — TELEFONE 40305

GUIMARÃES

Confecção por medida, em artigos de vestuário, em todas as qualidades de lã, algodão Egito e em rafia em cores.

Para: Homem — Senhora — Criança.
Figurinos do género com as últimas criações da Moda.

TRABALHOS PERFEITOS — PREÇOS MÓDICOS

97

No Largo João Franco, n.º 20

poderá V. Ex.ª apreciar as Novas Instalações de **A Competidora de Representações, L.ª**

Únicos Importadores neste Concelho de **Tubos Galvanizados**

No próprio interesse de V. Ex.ª não deixe de efectuar uma visita.

TELEFONE, 4523.

125

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e combóio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO (Ao cimo da Av.ª dos Aliados)

528

Companhia de Fiação

e **Tecidos de Guimarães**

S. A. R. L.
Sede na Avenida de D. João IV
GUIMARÃES

Convoco os Senhores Accionistas desta Companhia a reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 30 do corrente mês de Março, na Sede Social, pelas 16 (dezas-seis horas), com a seguinte Ordem do Dia:

1.º — Apreciar, discutir e votar o Relatório, Balanço e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1956;

2.º — Proceder à eleição de um membro efectivo da Direcção.

Poderão tomar parte na discussão e votação os Senho-

res Accionistas cujas accções tenham sido averbadas ou depositadas nos respectivos nomes até ao dia 31 de Dezembro de 1956.
Guimarães, 9 de Março de 1957.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, 159

Alexandre Luis de Castro Ferreira Braga.

FIBRA ARTIFICIAL

THRIX

Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 PORTO
Comp. 21 404

LOJA DO BRAGA



Uma indústria que faliu!